Voz de S. Antonio

Revista mensal illustrada

Abençoada por S. S. Leão XIII. Pelo Exc.mo Ordinario e varios Prelados.

JUNHO DE 1905

6.ª Serie — 11.º Anno

N.º 6

Redacção e administração

BRAGA

SUMMARIO

A Providencia e a vida humana.
I Parte — **Secção doutrinal:** A influencia do crucifixo. — Algumas considerações sobre o Decreto *Ut debita*. — Concessões da S. C. dos Ritos. — Pensamentos.
II Parte — **Secção Historica**: Verdadeiro caracter de S. Francisco d'Assis. — Excavações.
III Parte — **Leituras amenas**: Ruth (Quadros biblicos). — Vida e costumes d'alguns insectos.
IV Parte — **Culto de S. Antonio:** O Pão de S. Antonio em Braga, etc. — Os nossos defunctos.
V Parte — **Secção Scientifico-litteraria:** Theoria da imprensa catholica. — As nossas illustrações.
VI Parte — **Chronica Universal:** Roma. — Portugal. — Cartas d'Africa.
Gravuras: Santo Antonio de Lisboa. — Mgr. Luiz de Parma. — Anjo da Guarda. — Vista de Macequece.

E'-nos grato noticiar aos nossos amigos, bemfeitores e assignantes e a todos quantos concorrem para o desenvolvimento da nossa Imprensa Antoniana que esta Redacção manda celebrar todas as primeiras terças-feiras de cada mez uma missa por sua intenção e em suffragio das almas d'aquelles que tenham fallecido durante o mez.

BIBLIOGRAPHIA

Meditações para o Mês do S. Coração, por Adolphe Baudou, traduzidas por Ayres Borges —Recebemos e agradecemos este bello livro, muito bem feito e correctamente traduzido. Os amigos do S. Coração de Jesus, não encontrarão outros por onde melhor se possam elevar á contemplação do amor ineffavel que este Sagrado Coração lhes tem. Pedidos á Livraria de José Fructuoso da Fonseca—Rua da Picaria 74 — Porto.

—Discurso proferido na sessão de 12 de abril de 1905 na Camara dos dignos Pares pelo Ex.mo Snr. Bispo Conde de Coimbra. — E' um trabalho modelo tanto pela sua fórma, como pela causa que defende: o augmento das congruas parochiaes. Aos parochos, que tem mais trabalho do que qualquer funccionario publico, concedem apenas uns miseros vintens que nem para vestir decentemente lhes chegam. Bem haja o Snr. Bispo de Coimbra que soube advogar tão magistralmente n'este pequeno mas substancioso discurso os direitos d'esta classe tão prestimosa *mesmo para as manobras politicas*, e tão desprezada pelos nossos governantes.

—El Evangelio explicado en las Dominicas, breves discursos sobre las principales fiestas e exercicios espirituales por el sacerdote Rafael Frassinetti version española, por José Ignacio Valenti—Gustavo Gili. — Barcelona. O Evangelho explicado é um livro que todos os parochos devem possuir, porque é um resumo de verdades que elles teem obrigação de explicar aos seus freguezes. Como nem todos teem tempo sufficiente, para poderem manusear os grandes sermonarios, nem meios para os obter, este livro vem de molde a poupar o tempo e as despezas. Em 570 paginas encontra se uma explicacão clara e succinta do evangelho de todas as domingas e principaes festas do anno, apresentada d'um modo toda nova em si, ainda que velha na doutrina, não se apartando um apice dos ensinamentos da Egreja; accresce ainda um tractado de exercicios espirituaes para os jovens, utilissimo para os Collegios e Seminarios. Custa apenas 8 pesetas.

Esta Redacção encarrega-se de qualquer encommenda.

—Quimica Popular, *por el Dr. C. Brugués, Professor Auxiliar numerario de la Universidad de Barcelona Redactor del «Resumen de Agricultura»—Gustavo Gili—Barcelona.* Hoje que o estudo da chimica se tem generalisado tanto, e que os preparados chimicos entram em tudo, é de summa importancia ter um conhecimento exacto de todas as materias primas que entram na composição d'esses preparados.

E este livro n'uma linguagem clara e comprehensivel a todos sabios e ignorantes estuda os diversos corpos simples e compostos, que nós todos os dias trazemos entre mãos sem os conhecer, descreve as suas propriedades e apresenta-nos o modo de os preparar e de os utilisar na pratica.

E' o melhor livro que nós conhecemos sobre a materia, em boa impressão e optimo papel e custa apenas 5 pesetas.

—Instrucciones para la observacion del Eclipse total do sol del 30 de agosto de 1905, *Gustavo Gili—Barcelona.*—Um bello folheto com dois mappas um da Peninsula e n'elle determinada a zona em que o eclipse será total, e outro do aspecto que a atmosphera apresentará no dia 30 d'agosto á hora do eclipse. E' o folheto dividido em duas partes; na primeira trata do modo como devem observar o eclipse as pessoas que não teem instrumentos d'optica; na segunda aponta o modo como se pode observar por meio de instrumentos.

Todo o folheto é de um grande proveito para as pessoas que não quizerem observar o eclipse unicamente *só para* vêr o sol encoberto pela lua.

—A Voz do Evangelho ou Thesouro dos prégadores.—*Sermões completos do Padre Manuel José Pereira dos Santos.* Volume I. *Livraria Catholica Portuense de Aloysio Gomes da Silva.*—E' mais um dos bons livros que esta livraria tem editado. Despretencioso na linguagem, mas sempre correcto, o auctor d'este livro revela-se-nos um homem verdadeiramente apostolico, que soube retratar-se em cada pagina. Os prégadores poderão aprender aqui a não se prégarem a si mesmos mas a Jesus Christo, como recommenda S. Paulo.

Sciencia e Religião. — Recebemos o 12.º volume d'esta optima collecção, em que todos os catholicos encontrarão argumentos para responder aos sophismas com que os incredulos de nos-

11.º anno — N.º 6 *6.ª SERIE* *Junho — 1905*

Voz de S. Antonio

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — BRAGA

Editor — D. J. de Souza Gomes. *Pap. e Typ. Universal* — Augusto Costa & Mattos.

SANTO ANTONIO DE LISBOA

A Providencia e a Vida humana

QUANDO o homem reflectido alonga os olhos por sobre os horizontes de tempos que já lá vão, fica suspenso entre a contemplação franca de mil feitos heroicos e os destroços sombrios de ruinas amontoadas.

Quem podesse, nos acanhados limites d'um artigo de jornal, descrever o traço caracteristico d'esse perpetuo dualismo do bem e do mal, da verdade e do erro, da virtude e do vicio, — acabaria por entoar um hymno festival á Providencia.

Estarão frescas sempre em nossa memoria as ovações delirantes que ás harmonias do mundo e da Egreja véem prestando ha 19 seculos os espiritos mais cultos.

A' nota plangente do justo e do santo pelos desvarios da humanidade succedeu sempre o cantico jubiloso das vestaes e das virgens pelos triumphos do Senhor.

O estro da poesia, o gabinete do sabio, o ardor do guerreiro e a virtude do padre, entram á porfia n'este concurso de épicos louvores, emquanto ao observador sensato occorre um pensamento systematico e seguro como a verdade: — *Cada homem é um actor no drama dos povos, como cada povo é um actor no drama da humanidade.* Homem, povo e humanidade são os tres grandes anneis que perfazem a longa cadeia dos acontecimentos.

O homem, compendio eloquente do grande mundo, o povo, individualidade grande, a humanidade, resultante do homem e dos povos — tres linhas homogeneas por onde se conduz a acção da Providencia no mundo, no tempo e no espaço; tres fios mysteriosos que entram na grande teia do bastidor social; tres molas reaes da grande machina da civilisação.

Pódem, em sua marcha precipitada para a eternidade, desconjunctar-se estas rodas, espedaçar-se nunca; pódem estes fios emmaranhar-se, nunca partir-se de todo; pódem aquellas linhas confundir-se, desapparecer jámais.

E' que a sabia Providencia de Deus que fluctuou sobre as aguas na aurora dos tempos, fluctúa ainda hoje sobre as correntes de opiniões, systemas, idéas e factos que se cruzam no mundo humano e christão.

Fluctúa? Não digo bem. Substá á onda movediça da vida, moderando-lhe os impetos, e aligeirando-lhe o pezo, suavisando-lhe as agruras e aplanando-lhe as difficuldades.

Similhante a essa rocha granitica que desafia impavida a bravura dos grandes mares, — assim a divina Providencia está firme e queda sempre entre o rebuliço das paixões e os desvarios insanos da humanidade.

Graças a seu influxo benefico e inconfundivel, o homem vê nos corações a lei do amor, nas consciencias a lei moral, e nos espiritos a razão de sua propria immortalidade.

Nos reconditos arcanos de seu sentir, de seu querer, de seu pensar e de seu proceder vê a harmonia das operações e attributos divinos — emquanto nas relações com o mundo externo, descobre o engenhoso plano dos governos de Deus.

Se no facto eloquentissimo da creação admira o progresso material pela força, no facto santissimo da Redempção adora o progresso espiritual pelo sacrificio.

O mundo é para elle uma só familia, cujo grande Pae que está no Céo a todos distribue dons perfeitos e dadivas grandes. A Egreja, a porção eleita d'essa familia a quem estão confiados os depositos da incorruptibilidade.

O bem e o mal, a fortuna e a desgraça, a abundancia e as privações — tudo lhe serve de licção na grande escola da vida em que é humilde aprendiz.

Na morte vê elle o principio da verdadeira vida, vida immortal, vida feliz, vida pacifica, como a d'Aquelle de quem recebeu ser e operações.

*

* *

A vida presente, caduca e perecedoura, é um insulto atirado á dignidade humana.

Debalde procura o homem estribar-se na sua grandeza para quebrar as barreiras á mortalidade.

Ha-de succumbir sempre.

Aos seus esforços titanicos pela propria immortalidade, responde ironicamente a herva que nasce de sobre a sepultura rasa, o roble sombrio em que se dependuram aves nocturnas, as alimarias da terra que lhe calcam a loisa fria.

Parece que a natureza toda que aformoseou o homem em sua carreira para a eternidade, vae zombar d'elle n'esse arranco supremo que chamamos morte.

O sol que se batia nos seus olhos, a lua que lhe guiava os passos, as estrellas que lh'os contavam, — tudo lhe foge traiçoeiramente com o bater precipitado de seu coração em ruinas.

Já não ha alli o fulgor da intelligencia que illumina; o calor da eloquencia que arrasta; a força do amor que subjuga.

Desappareceu o brilho das faculdades mentaes, offuscou-se a belleza das operações affectivas.

Paralisou-se a vida; desappareceu o movimento.

Adeus tradições caras, affectos puros, dedicações generosas.

Adeus amizades de um dia, esperanças de sempre.

Morreu o homem!

E que se passa no dorso da terra que o tragou?

Generatio advenit et generatio preterit: — Novas ondas de gerações vão parar ao tumulo, levando de arrancada instituições, crenças, thronos, imperios e republicas.

Em sua marcha avassaladora para além da campa, a vida mortal é uma suprema ironia do homem, a quem não poupa filhos nem mulher, officios nem beneficios, honras nem condecorações.

Já vistes, um campo semeado de rosas, ou um bosque cheio de folhagem, após a tormenta?

Como é triste e desolador vêr perdidos n'um momento trabalhos de tantos dias, annos e talvez seculos!

E' assim a vida humana, sob o pezo da propria dissolução.

Humilde flôr plantada nos campos do tempo e do espaço, ou lenho frondoso á beira da eternidade, quantas frias nevadas de erros e vicios a não vêem, quantas ardencias de paixões abrazadoras a não seccam e murcham, quantas tempestades de

profundos desgostos a não destroçam e quebram?!

N'um momento só rue o edificio de tantos seculos.

De tantos seculos?

Quasi diria da eternidade toda. Porque, emfim, o homem, desde que Deus é Deus, é objecto de seu amor.

Para o crear, sacrificou Deus a sua immensidade e omnipotencia; para o remir, a sua justiça e misericordia; para o conservar, a sua providencia e presciencia.

Pois tudo é lançado á margem pelo fluxo e refluxo da vida.

N'essa torrente caudalosa, nem se respeita o passado, nem o presente, nem o futuro.

Vão abaixo os thezoiros da sciencia e as riquezas da virtude.

Os homens e os povos desapparecem como quadros em perspectiva.

Ficam apenas, para triste lembrança, alguns monumentos, actos e doutrinas, que, por serem vestigio do homem na terra, mais lhe aggravam a situacão.

O *Tumulus* do barbaro, feito de pedra tôsca, escarnece insolentemente o organismo humano que lá dentro se desfaz em pó.

A pyramide secular do Egypto, erguendo-se altaneira para o celeste Osiris, calca desdenhosamente as ossadas de heroes indefessos pela virtude.

As grutas funerarias da Phenicia e da Chaldea, da Persia e da India, de Roma e da Grecia, são uma parodia vil da força herculea de seus gigantes.

O pó, finalmente, que a Egreja arremessa por sobre nossas cabeças, os mausoleus em que envolve nossos restos mortaes, não desafiam cruelmente a nossa vaidade?

*

* *

Chegando aqui, é-me forçoso parar, e escolher um de dois caminhos: — ou o fatalismo que chama ao homem edificio em ruinas, ou o catholicismo que vê na morte o principio da vida:—*Credo Vitam venturi sæculi.*

*

O homem não é um edificio em ruinas! porque o homem não é materia só.

Por sobre o principio de corrupção que o acompanha para toda a parte — como remorso pungente — paira um principio de incorruptibilidade — aureola sublime que o levanta acima da natureza.

Nos reconditos de seu sêr, o pó que se desfaz é parte minuscula e fluctuante. O espirito que fica é parte essencial e caracteristica.

Humilde viageiro para a conquista d'um bem que não encontra no mundo, está reduzido á condição de sacrificar o corpo para dar quietação ao espirito.

Nas cinzas que lhe envolvem sêr e operações, está latente mas integro, esse lampejo de vida introduzido no lodo de que foi formado o primeiro homem.

Depois de tantos seculos de existencia, o pó da vida humana entrou em tantas composições e decomposições quantas foram as gerações da humanidade.

Mas aquella scentelha de vida nunca se apagou, nem apagará jamais.

Tem na sua razão de sêr a sua propria immortalidade.

Ha alli unidade indestructivel, ha operações inorganicas, ha aspirações sublimes.

Vêdes essa creança recemnada, que apparece na vida, sem norte, sem religião e sem pão?

O que é que a differença da planta que logo morre, do animal que apenas sente?

A fragilidade de seu corpo tenro?

Tudo isso ha na herva do campo e na silva do bosque.

A belleza das suas formas?

Não a téem menos seductora a flôr do jardim e o lyrio dos valles.

Os sentidos?

E não sente o animal?

Onde está logo a marca da sua nobreza?

Ah! a marca da sua nobreza vêl-a-heis no seu futuro.

Vêl-a-heis no seu futuro em dois andares bem distinctos d'uma só casa: *tempo e eternidade.*

Quando esse tenro corpinho se desenvolver e robustecer, quando aquella belleza precoce fôr tocada do arado do tempo, quando aquelles sentidos se abrirem de vez á luz da vida esse principio occulto e real, como o Deus que o fez, presidirá a esse pequeno mundo, para lhe assignalar principio e fim, nobreza e decadencia.

Esse principio, que mal se entrevê agora, tem de se manifestar em tantas phases pelo menos, quantas fôrem as estações da vida.

Cantará alegre o numero de suas primaveras, e recolherá saudoso as suas flôres murchas.

Terá um verão cheio de fructos opimos, ou uma colheita sáfara de merecimentos.

Não poderá fugir á desolação de tristes outomnos, nem ás nevadas de invernos frios como a morte.

E quando um suôr frio lhe poisar na fronte, será sempre o mesmo, um e indestructivel, como a acção constante e uniforme que descreveu.

Para traz, fica-lhe um rasto de gloria e de ignominia, em tudo superior ao tempo e espaço, em que outros sêres viveram e morreram.

A sua historia annuncia o seu futuro.

Se nas mil e uma transformações de seu sêr temporaneo, manteve sempre firme o aprumo de seu caracter e a bondade de seu coração, a terra acima da qual se elevou, não póde ser o seu patrimonio.

Se na lucta pela vida succumbiu ás paixões, ao erro, ao vicio — os seus desmandos requerem uma justiça implacavel como a inflexibilidade de sua vontade perversa.

Sempre o mesmo, no berço, na vida e no tumulo, esse principio indestructivel, tem de ser o mesmo na eternidade.

Secção doutrinal

A influencia do Crucifixo

(Uma pagina de Broglie)

A VERDADE transcendente do Christianismo póde considerar-se a chave unica, que resolve um numero infinito de problemas historicos e moraes. Sem ella incomprehensivel se torna a historia do Judaismo e do Christianismo.

Citei algures a palavra d'um racionalista da edade média, a cujos olhos a religião christã é uma religião impossivel. Não é isolada esta palavra; os adversarios do Evangelho em todas as epocas nada mais fazem, que repetir os velhos motejos e reiterar as gratuitas affirmações sobre a impossibilidade e absurdo de crêr n'um homem crucificado; para esses, insensatos são os nossos dogmas, e intoleravel o jugo da nossa lei. E comtudo esta obra impossivel é um facto incontrastavel. O Crucifixo é adorado, e milhões de homens levam o

seu jugo com amor, e nada faz presagiar o desapparecimento de maravilha tão estupenda.

Este prodigio sem par, que encerra e compendia todas as provas da divindade da religião, como que se incarnou elle mesmo n'um symbolo: a imagem do Crucifixo. O Crucifixo revela, a quem o medita, as profundezas da doutrina christã, a união prodigiosa da justiça e misericordia de Deus, da sua santidade e do seu amor pelos peccadores; ensina-nos os traços mais sublimes da vida de Jesus, a sua doçura, a sua paciencia, a sua coragem, a sua caridade. Fitando esta imagem lembram-nos as suas palavras derradeiras, o seu perdão aos verdugos, o seu testamento, em que nos dá por mãe a sua mãe, a oração e acto de fé do bom ladrão; contemplamos o Salvador, emfim, n'aquelle acto de liberdade suprema, com que sacrifica a vida para retomal-a depois. Podemos invocar ainda a delirante devoção, que sempre inspirou, os martyres, que morreram á sua sombra bemfeitora, os missionarios, que a prégaram em todos os recantos da terra; depois apparecem a nossos olhos os infelizes e desgraçados, a quem enxugou as lagrimas e pensou as feridas, os peccadores, cujo desespero acalmou, os moribundos, a quem apontou o caminho do Céo, e que, oscullando-a e abraçando-a, adormeceram em paz.

Estudando por outra face o mesmo symbolo, vêmol-o objecto do odio e do desprezo dos homens. O Christo ludibriado e crucificado é a condemnação viva do orgulho e das paixões sensuaes. E' por isso, que pagãos e musulmanos olham com uma especie de estupefacção e assombro a loucura dos christãos, que lhe prestam culto e o adoram. Mas quando se observa, que esta loucura persevera e se espalha e invade o universo inteiro, a admiração torna-se raiva, e quereriam espedaçar e derruir o emblema, que os accusa e reprova. Todavia a Cruz triumphou no mundo antigo. Instrumento do mais affrontoso e ignominioso dos supplicios, mudou Constantino o seu destino, e hoje é nas mais nobres sociedades humanas o symbolo do amor e da gloria. Tem logar na corôa dos reis. Imagem d'um justiçado lembra aos juizes da terra os imperiosos deveres, que lhes incumbem, e é o signal indispensavel, caracteristico de toda a educação christã. E, ha pouco tempo ainda, era o ornamento das nossas cidades e a benção perenne das nossas aldeias. E, quando modernos barbaros, que nem tem sequer a escusal-os a falta de fé e de convicções, como pagãos e musulmanos, envidam todos os esforços para derribar este symbolo venerando, parece tremer em seus eixos a terra, e a sociedade fundada sobre o Christo tende a desabar e a desapparecer. Mas o certo é que o Crucifixo não desapparece senão só momentaneamente em face da acção demolidora, mas necessariamente transitoria da barbaria contemporanea.

O Crucifixo compendia, pois, e como que resume toda a apologetica e toda a moral christã. Para justificar a nossa fé, para reformar as almas importa só seguir a palavra de S. Paulo: prégar Jesus Christo crucificado.

Procurae agora nos outros cultos e religiões uma imagem, um emblema, um symbolo, que exercesse sobre a parte mais sã, mais intelligente e mais elevada da humanidade igual influencia, procurai um symbolo com similhante força de attracção sobre as almas simples e rectas, e que ao mesmo tempo tenha triumphado de tamanha repulsão da parte dos instinctos grosseiros da sociedade. Nada achareis, que possa comparar-se-lhe, e antolhar-se-nos-ha a veridica palavra de S. Paulo, quando, fallando do Crucifixo, escandalo para os Judeus, para os Gregos loucura, disse: *Verbum crucis pereuntibus quidem stultitia est, iis autem qui salvi fiunt virtus Dei est.* (1 Cor., 18).

A força de Deus! Eis o poder incomparavel, que achamos no Christianismo! Eis o que em nenhuma outra parte nos é dado encontrar! Esta força e omnipotencia divina manifesta-se nos d'uma maneira arrebatadora, transcendental, unica; segue as regras d'uma sabedoria, que não é, que não póde ser a nossa sabedoria. E' por isso que, se o Christianismo tem pontos de contacto com as demais religiões de fórma a parecer apenas o seu complemento e perfeição ultima, pelo lado do Crucifixo apresenta um caracter inconfundivel, differe profundamente de todas, eleva-se sobre todas, afastando-se de todas as humanas previsões.

Considerações sobre o decreto "Ut debita,,

(Da celebração das Missas manuaes)

A Missa, sacrificio da nova lei, tem os seus ministros deputados e consagrados para a offerecerem, assim como todos os povos que reconhecem seres superiores de quem são dependentes. Sempre, mesmo antes de S. Paulo o dizer, se reconheceu, aos que servem o altar, o direito de viver do altar. Em todas as religiões e em todos os tempos os sacerdotes tinham uma parte nas victimas que sacrificavam, de que viviam elles e a sua familia.

A parte importante que Deus determinou aos Levitas do antigo Testamento, nas victimas que immolassem, pode-se vêr no Exodo, Levitico, e Deuteronomio.

Nos primeiros seculos da Egreja, quando entre os christãos tudo era commum, os sacerdotes não precisavam de receber estipendio para a sua sustentação.

Com o decorrer do tempo, a fé foi arrefecendo, procurando cada um guardar o que era seu; comtudo, nada faltava aos sacerdotes para a sua sustentação, a que os fieis proviam abundantemente pelas oblações feitas ao Offertorio da Missa, como nota Tomassini.

Parece que foi só pelo seculo VIII que se começou a receber *estipendio* pela celebração da Missa.

Não discutimos aqui se o *estipendio* que os fieis offerecem ao sacerdote se deve considerar como esmola, ou paga do trabalho da celebração, porque não é uma nem outra coisa; nem tão pouco provaremos que é licito offerece-lo e recebe lo, porque é já ponto assente entre os theologos moralistas.

Divulgada esta doutrina, começaram logo alguns sacerdotes mais cobiçosos (que os houve em todos os tempos) a celebrar duas, tres, e quatro vezes por dia, com a mira unica e exclusivamente no lucro que d'ahi lhes advinha, a ponto do Concilio de Selingstad em 1022 se vêr obrigado a prohibir a celebração de mais de tres missas diarias.

Apezar d'isso os abusos cresciam de tal modo, que Alexandre I se viu obrigado a intimar a todo o mundo que *quicumque pro pecuniis aut adulationibus saecularibus praesumunt plures facere missas* (quam unam pro defunctis, et aliam de die) *non existimo evadere damnationem.*

Não obstante a cobiça prevaleceu ainda em muitos sacerdotes, que continuaram em algumas partes, a celebrar mais de duas vezes por dia, até que o grande Innocencio III por uma decretal que ainda hoje vigora extirpou d'uma vez este abuso: «*Excepto Nativitatis Dominicae die, nisi causa necessitatis suadeat, sufficit sacerdoti, semel in die unam missam solumodo celebrare.*»

Desde então ficou assente que a ninguem, excepto em caso de necessidade, reconhecida e approvada hoje pelo Prelado, seria licito celebrar mais d'uma vez por dia.

As paixões muitas vezes mostram as coisas ao revez e a cobiça descobre sempre meios de illudir a lei, que de qualquer modo restrinja a liberdade.

Assim é que houve quem consagrasse tantas hostias, quantas eram as pessoas que offereciam estipendio. Este abuso porém foi de pouca duração; porque contra elle clamava a propria consciencia dos prevaricadores.

Veiu depois o Concilio de Trento com a sua voz auctorisada condemnar mais uma vez os profanadores das coisas santas proclamando que «*cujusvis generis mercedum conditiones, pacta, et quidquid pro missis novis celebrandis datur, necnon importunas atque illeberales eleemosynarum exactiones potius quam postulationes, aliaque hujusmodi, quae a simoniaca labe, vel certe a turpi quaestu non longe absunt absolute prohibentur.*»

Parece que este decreto devia pôr fermo a todos os abusos e fechar para sempre a porta a novas corruptelas mais ou menos attentatorias da santidade do santo sacrificio, mas infelizmente não succedeu assim.

Houve quem defendesse ser licito receber tantos estipendios quantos os fructos da missa; houve quem proclamasse não haver obrigação de applicar a missa quando o sacerdote recebia estipendio inferior ao taxado por costume ou por lei diocesana, e até houve quem admittisse que a missa depois de celebrada ainda podia ser applicada comtanto que houvesse quem o pedisse e offerecesse a esmola.

Tal tem sido em resumo a historia dos abusos, a que o estipendio da missa tem dado occasião em alguns sacerdotes, que não sobem ao altar para dar honra a Deus, fim primario do Santo Sacrificio, mas sim *ut habeant quid manducent et bibant et sic ventri consulant.*

E' impossivel innumerar todos os decretos e todas as instrucções emanadas da S. Sé, para impedir, que na celebração do mais augusto Sacrificio, se introduzisse qualquer coisa pecaminosa ou profana que desdissesse da sua santidade. Desde que a primeira vez alguem tentou fazer mercancia da missa a sua voz elevou-se e não deixou de clamar até hoje. Desde que em 1022 pela bocca de Alexandre II disse que julgava não escapar á eterna condemnação, quem por causa de dinheiro celebrassse mais que uma missa cada dia até ao presente decreto com que a sabedoria de Pio X vem pôr cobro a muitos abusos que a ignorancia d'uns e a cobiça d'outros tinham introduzido no Santuario muitos outros decretos se teem publicado.

*

O Decreto *Ut debita sollicitudine* expedido pela S. C. do Concilio em 11 de maio do anno proximo passado tem por fim, determinar os abusos a evitar e as normas a seguir na satisfação das Missas manuaes. Começa o decreto por precisar a accepção do termo «missas manuaes» por não estar bem determinado entre os theologos e juristas. Depois da publicação da Bulla Apostolicae Sedis, em que se ferem de excommunhão: »*Colligentes eleemosynas maioris pretii pro missis et ex iis lucrum captantes, faciendo eas celebrare in locis, ubi missarum stipendia minoris pretii esse solent*» os theologos não foram concordes em determinar até onde se extendia a excommunhão, nem mesmo que pessoas comprehendia, e querendo a

Santa Sé obviar aos inconvenientes que podiam advir da má inteligencia do termo «missas manuaes», começou logo por dizer o que entendia por este termo.

Das palavras do Decreto deprehende-se 1.º que são consideradas missas manuaes todas as que os fieis mandam celebrar accidentalmente por qualquer motivo sem que a isso os obrigue qualquer fundação piedosa que tenha annexo o encargo de mandar celebrar tal numero de missas; e cujo estipendio é entregue de mão em mão.

2.º As missas que commumente os fieis costumam deixar em testamento; *sive testamentis*, mas d'um modo transitorio, de sorte que não constituam fundação perpetua ou de tal duração que se possa julgar tal.

3.º As que são *perpetuo onus* do patrimonio d'uma familia, mas que esta familia pode mandar celebrar por qualquer sacerdote e em qualquer egreja.

4.º A's que, annexas perpetuamente a alguma egreja ou beneficio, por qualquer motivo não podem ser celebradas n'essa egreja ou pelo proprio beneficiario, devendo por direito ou por indulto do Summo Pontifice, ser entregues a outros sacerdotes, dá o Decreto o nome de *ad instar manualium*.

Dadas estas explicações como preambulo passa o Decreto a determinar o que se deve observar relativamente a estas missas.

Como se devem satisfazer as missas manuaes

Esta materia é tratada nos numeros 1.º, 2.º e 3.º do Decreto.

No numero primeiro estabelece que ninguem possa procurar ou receber mais missas do que provavelmente pode celebrar dentro do praso determinado no numero segundo, quer por si, quer pelos seus subditos, tratando-se do Ordinario ou do Prelado regular.

Ordena depois no numero segundo que uma missa insulada por uma intenção especial deve ser celebrada dentro do espaço d'um mez. Não estavam d'acordo os theologos sobre o tempo que se poderia diferir a celebração da missa por uma intenção particular. A opinião mais commum concedia dois mezes, excepto se a missa houvesse de ser applicada por uma pessoa morta recentemente. O Decreto porém vae contra essa opinião e determina que seja celebrada dentro d'um mez, a contar do dia da recepção do estipendio. Se simultaneamente se acceitarem diversas missas por intenções differentes deverão ser celebradas todas dentro do mez. Assim um sacerdote não poderá hoje receber 20 missas de diversas pessoas por diversas intenções e ámanhã outras 20 de differentes pessoas e tambem por diversas intenções, porque não as poderá celebrar todas dentro d'um mez a contar do dia da recepção, salvo se algum dos offerentes consentir que as suas missas possam ser celebradas mais tarde.

Quando são encommendadas muitas missas por uma só intenção, póde o sacerdote recebe-las, comtanto que siga esta norma: cem missas recebidas d'uma só vez, e por uma só intenção devem ser celebradas dentro de seis mezes, e assim proporcionalmente segundo o maior ou menor numero de missas recebidas. O Decreto pois apenas determina o espaço d'um mez para uma missa e o espaço de seis para cem missas, o tempo proporcional aos numeros entre um e cem deixa-o por tanto á apreciação do sacerdote. Assim o padre prudente julgará que recebendo cincoenta missas deverá satisfaze-las dentro de 3 mezes, duzentas dentro d'um anno e assim proporcionalmente.

No numero 3.º declara o Decreto que o padre não pode receber mais missas do que provavelmente pode celebrar dentro d'um anno a contar do dia da recepção. Conclue o numero 3.º dizendo que estas regras são subordinadas á vontade expressa ou tacita do dante, que pode a seu arbitrio prolongar ou restringir o tempo dentro do qual devem ser celebradas as missas para que offerece estipendio. O pedido, por exemplo de 500 missas feito a um simples sacerdote traz necessariamente a concessão implicita de mais d'um anno. Pelo contrario não é permittido ao sacerdote demorar um mez uma missa que lhe foi pedida para encontrar um objecto perdido, ou para alcançar a saude d'uma pessoa enferma.

Confrontando agora o minimo do tempo pelo n.º 2.º e o maximo concedido pelo n.º 3.º, vê-se claramente que quando os offerentes são diversos, ou o mesmo offerece por diversas vezes estipendio para serem celebradas missas segundo a sua intenção, não se pode differir a celebração um anno, mas sim devem celebrar-se dentro do praso estabelecido no numero segundo.

PINA.

Respostas das Congregações Romanas

Indulto para os Sacerdotes seculares da Ordem Terceira poderem dizer Missa votiva da Immaculada Conceição todos os sabbados.

Desejando o Reverendissimo P. Boaventura Marrani Procurador Geral da Ordem dos Menores, que o culto da Immaculada Conceição de Maria cresça mais e mais e que terminem todas as controversias acerca da Missa votiva da mesma Immaculada Conceição, concedida por indulto da Sé Apostolica, ás familias Franciscanas, pediu humildemente a S. Santidade Pio X.

1.º — Que os sacerdotes, mesmo seculares pertencentes á Ordem Terceira de S. Francisco, que seguem o Kalendario Romano-Seraphico, todas as vezes que celebrarem num Oratorio particular ou nas egrejas das tres Ordens de S. Francisco, possam em todos os sabbados do anno dizer Missa votiva da Immaculada Conceição da Bemaventurada Virgem Maria, do mesmo modo que é permittido aos confrades ou Capellães das taes Ordens Regulares, e assim como aos sacerdotes da Ordem Terceira dos Prégadores nas sextas-feiras e sabbados, ainda impedidos com duplex menor ou maior se concede nos mesmos casos celebrar a Missa do SS. Rosario *Salve Radix*. (1).

(1) O presente indulto vale tambem para as Egrejas que realmente pertencem á Ordem Terceira *secular se n'ella se segue o Kalendario Romano Seraphico*, bem assim para a Vigilia e toda a oitava da Immaculada Conceição.

Mgr. Luiz de Parma

2.° — Que os Sacerdotes da primeira e terceira Ordem regular, que celebram em Oratorios particulares fóra do convento, assim como podem e devem seguir o Kalendario Romano Seraphico, tambem possam celebrar missa votiva da Immaculada Conceição, como lhes é concedido nas egrejas proprias, para que possam usar d'um privilegio tão salutar, principalmente aos religiosos que teem de celebrar fóra do convento.

O que sendo referido pelo infrascripto Cardeal Pro-Prefeito da S. C. dos Ritos a S. Santidade, dignou-se conceder benignamente a graça, conforme ás preces. Não obstando qualquer coisa em contrario.

Dia 22 de março de 1905.

L. † S.

A. Card. Tripepi, Pro-Pref.

† D. Panici, Arc. Laod. Secret.

Missa da Immaculada Conceição

O Rev. P. Boaventura Marrani, Procurador Geral da Ordem dos Menores, exprimindo os sentimentos communs, rogou humildemente a S. S. Pio x se dignasse conceder que nas egrejas de sua Ordem e em todas as mais, que legitimamente usem do Calendario Romano — seraphico na vigilia e durante a oitava da Immaculada Conceição se celebrem todas as missas, excepto a conventual, da mesma Immaculada Conceição, privilegio de que gosam as mesmas egrejas em todos os sabbados do anno, ainda que occorra officio duples : excepto os dias mais solemnes de primeira e segunda classe e outros privilegiados pelas Rubricas, para os quaes foi pedida uma unica missa solemne da dita festa.

A Sagrada Congregação dos Ritos, em vista das faculdades que lhe foram concedidas por S. Santidade, annuiu benignamente ao pedido, ex-

cepto nos dias de primeira e segunda classe e domingos privilegiados, nos quaes dias se póde cantar uma missa da Immaculada Conceição, não omittindo nunca a missa conventual, e cumprindo em tudo as rubricas.

20 de Janeiro de 1905.

L. † S.

A. Card. Tripepi, Pro-Pref.

† D. Panici, Arc. Laodic., Secret.

PENSAMENTOS

A bocca fechada faz que o coração tenha paz.

Kempis.

*

As humanas grandezas como o sol, teem nascente e poente, e quantas vezes vão cahindo quando se julgam mais seguras...

Vieira

*

Não ha coisa que mais desespere os beneméritos, como vêr os indignos premiados.

Vieira.

Secção historica

O verdadeiro caracter de S. Francisco d'Assis

(Continuação)

Felizmente para quem desejar entrar em controversia com M. Sabatier, ha poucos sanctos como S. Francisco assim remotos da nossa epocha, de cujas palavras e acções se tenham conservado tantos detalhes authenticos. Possuimos toda a «Legenda Antiga», isto é todas as primeiras biographias. Entre ellas incluem-se as duas «Vidas» por Fr. Thomaz de Celano, (1) coevo de S. Francisco, e a «Legenda dos 3 Companheiros». (1) Além d'isso temos a «Nova Legenda», isto é, a biographia escripta por S. Boaventura, (2) o Speculum Perfectionis, (3) e outras chronicas contemporaneas.

Primeiramente não temos difficuldade em crêr na asserção de que M. Sabatier «esteve por algum tempo assentado aos pés de Rénan». Effectivamente com justiça foi dicto (4) que a biographia de S. Francisco, de M. Sabatier, é em relação ao Sancto e á Ordem por elle fundada exactamente o mesmo que a «Vida de Jesus» de Rénan, foi em relação a Nosso Senhor e ao principio do Christianismo, — um esforço para explicar tudo por causas naturaes. M. Rénan, no seu famoso livro, tinha feito altos esforços, afim de que, apregoando a sua mais reverente admiração para com Nosso Senhor, o despojasse a Elle e á Sua obra de todo e qualquer characterisco sobrenatural; do mesmo modo exactamente como M. Sabatier, que proclamando o seu amor para com o «Poverello» porfiou por prival-o da qualidade de Sancto.

M. Sabatier, é verdade, affirma (p. xxxiii) que é imparcial, e deseja concluir dos factos; mas tambem já mais se viu que dos factos se deduzissem tão gratuitas suppositções, conjecturas tão arbitrarias e tão ambigua exposição, como quando M. Sabatier tracta de provar aquillo que elle necessita

(1) Vita prima et secunda S. Francisci auctore Thoma a Celano. Escriptas respectivamente em 1228 e 1246, estas biographias foram reproduzidas em Roma pelo Conego Amoné (Typographia Della Pace). O Padre Eduardo d'Alençon, Archivista dos Capuchinhos em Roma, que publicou ultimamente o «Sacrum Commercium S. Francisci cum Domina Paupertate» (vertido em Inglez sob o titulo «My Lady Poverty» por Montgemery Carimichael, Londres; Tennant and Ward), promette uma edicção critica das Biographias de Celano.

(1) Os 3 Companheiros são Leão, Angelo e Rufino. Esta Biographia data de cêrca do anno 1246. O texto completo, em Latim e Italiano, foi primeiramente reproduzido pelo Padre Marcellino da Civeza e Theophilo Dominichelli, O. F. M. 1899 (Roma, Typographia Sallustiana). Foi publicada nos «Classicos do Templo» uma traducção em Inglez, pela menina E. Gurney Salter.

(2) Data de 1260—63, e comprehende duas partes—a legenda maior e a menor. Ambas foram publicadas pelos Frades Menores em Quaracchi, em 1898.

(3) O Speculum é attribuido a Fr. Leão, o Secretario de S. Francisco. Foi publicado segundo o original latino, com notas em Francez por Paulo Sabatier, em 1898 (Paris: Fishbacher). Com o titulo de «Mirror of Perfection» tem sido traduzido successivamente por Dr. Sebastião Evans (Boston: L. C. Page, 1899), Condessa De La Warr (Londres; Bernes Oates, 1902), e Roberto Steele («Classicos do Templo»), 1903.

(4) Por um correspondente anonymo do «Franciscano Herald» em Dezembro de 1902, a cujo artigo o presente escriptor se confessa devedor de muitas citações e referencias.

provado para os seus fins. Visto que a attitude de M. Sabatier apparece em toda a evidencia quando elle tracta dos Stigmas, é interessante notar como elle manusêa este assumpto. Consagra a este milagre o capitulo XVII, capitulo muito curto. Depois de descrever minuciosa e poeticamente a floresta e os rochedos d'Alverne, esforça-se, pela analyse psychologica, em accentuar o estado do espirito de S. Francisco ao retirar da montanha.

Elle representa o Santo, tendo vivido desde alguns annos na mais intima união com Nosso Senhor, por fórma, que elle podia, como S. Paulo, dizer: «Não sou já eu que vivo, mas Christo vive em mim». (1) E' verdade, «Francisco vivia aos pés da Cruz», como a Beata Angela de Foligno o considera. (2) O Sancto representa-se-nos em Monte Alverne absorto, ainda mais do que de ordinario, no ardente desejo de soffrer por Christo e com Christo, — passando na meditação os seus dias, lendo e relendo o Evangelho, e sempre detendo se na historia da Paixão. Depois, «nas proximidades do dia da *elevação* (exaltação?) da Santa Cruz, a visão do Cruxificado tomou ainda maior imperio sobre suas faculdades.» Depois de ter assim enumerado, se podêmos expressar-nos d'este modo, todas as circumstancias attenuantes do milagre, M. Sabatier faz uma rapida descripção da apparição do Seraphim e ex-abrupto põe termo ao capitulo (p. 296) com estas palavras: «Attento ao profundo do seu ser, elle indagava anciosamente a significação de tudo aquillo, quando viu em seu proprio corpo os stigmas do Cruxificado». Em appendix accrescenta (3) «poucas explicações», e conclue que a «harmonia psychologica entre as *circumstancias do exterior*», isto é, aquellas condições de tudo o que em tal occasião cercava S. Francisco, «e o facto, é tão completo e inseparavel («close») que uma invenção d'este caracter seria tão inexplicavel, como o mesmo facto em si.»

M. Rénan, (4) seguindo a Karl Hasse, negou o facto dos Stigmas, ensinuando que, ou era invenção, ou uma piedosa fraude de Fr. Elias. Comtudo M. Sabatier, nas palavras referidas, parece expôr a crença, se póde condecorar-se com esse nome alguma coisa tão incoherente, de que os Stigmas foram uma realidade. Todavia esta conclusão, embora mais reverente e muito mais astuta do que a de M. Rénan, reduz-se á negativa. Porque, á imitação do seu mestre, M. Sabatier tira com uma das mãos o que dá com a outra. E como M. Rénan foi dos dois o mais logico, declarou falsa a narração, por envolver, um milagre; M. Sabatier, porém, admitte o facto, mas destroe a ideia do milagre reduzindo o milagrosc ao inexplicavel «unknowable». Isto faz elle estabelecendo a priori, que, sendo por nós conhecidas as coisas, entre outras parcellas do conhecimento possuimos esta, a saber, que não pode haver uma intervenção directa da primeira causa, e é, de Deus, em casos especiaes, e que Elle não póde alterar ou suspender á Sua Vontade as leis da natureza. Sem duvida, como bastas vezes tem sido notado, «nenhum crente sincero da existencia de Deus póde pôr em duvida, que, se Elle encaminha os successos d'este mundo, sua obra, com tal ordem e regularidade, que nós somos aptos para observar este facto, tambem—se Elle é Deus, e mesmo por isso que é Deus, — occasiões haverá em que Elle possa julgar proprio encaminhal-os de um modo, não desordenado ou desregrado, em verdade, mas como nós não estamos habituados a vêr.» (1)

Não é este o logar proprio para discutir a possibilidade dos milagres, nem se torna necessario, mas, pelo menos, a maior incoherencia (2), mesmo em face d'esta materia em discussão, similhante só á incoherencia de coar o mosquito e engulir o camello, está em professar o que é inconcebivel, e protestar contra o que não excede de modo algum os limites d'uma hypothese intelligivel.» Mas M. Sabatier não pára aqui. A' gratuita asserção de que os milagres são inconcebiveis «imknowable», accrescenta a curiosa asserção (pag. 433), de que a mesma ideia do milagre é immo-

(1) S. Paulo aos de Galicia II, 20

(2) Vide: «Historia de S. Francisco» por Le Monnier (Londres, Kegan Paul), 1894, p. 398.

(3) Appendix, I, p. 435.

(4) Num ensaio entre os «Nouvelles E'tudes», publicado em 1884, e suggerido pela «Vida de S. Francisco, publicada por Karl Hasse (Franz vou Assisi), Leipsig, 1856.

(1) Kanox Little Appendise, 1.° p. 318

(2) Cardeal Newman; Ensaio sobre os milagres.

ral; porque se «Deus intervem irregularmente nas coisas humanas, os homens apenes poderão fazer outra coisa senão, como cortezãos aduladores, esperar tudo do favoritismo do seu soberano.»

O Conego Kuox Little merece ser citado no commentario d'esta proposição: «Este excellente escriptor conclue a negação do milagre fundando-se no principio inaudito de que a crença nos milagres enfraquece o brio e a moralidade; porque se Deus intervem por este modo nos negocios do homem, Elle é culpado de favoritismo, e os seus servos tornam-se em meros aduladores, suspirando pelos favores das suas mãos! Este grotesco argumento poderia metter-nos d'uma vez em difficuldades interminaveis. Mas a antipathia com os milagres por parte de M. Sabatier, e o seu absurdo argumento contra um milagre, faz que ao menos o adherir elle á verdade dos Stigmas, como um facto, seja segundo o meu modo de vêr, o mais forte dos argumentos. Elle crê em coisas que ultrapassam a experiencia ordinaria. Elle corcorda na existencia do inaudito, do inesperado, etc. em nossa vida, sob condicção de que esta noção nova (1) do sobrenatural se exclua. Não precisamos fazer questões de palavras. Se apraz ao espirito (do homem de sciencia) reconhecer que existe n'esta vida o inaudito, o inesperado, etc., quem crê em Deus póde bem felicitar-se de que está dado um grande passo para a revindicação da verdade, para o milagre e para a noção do sobrenatural que não é *nova* mas *antiga*, de facto... E' minha convicção que quanto mais cuidadosamente se examina a evidencia dos factos, e se pesam devidamente as prababilidades, mais nitida e satisfactoriamente fica demonstrado o *milagre* (como eu lhe chamaria), ou o *facto inaudito e estupendo* (como M. Paul Sabatier lhe poderia chamar).

O modo como M. Sabatier tracta os Stigmas mostra claramente que sob a capa d'um admirador enthusiasta do Sancto, permanece alli o racionalista critico, o que explica muito a sua completa falta de noções ácerca do aspecto, a nosso vêr, mais sublime da physionomia de Sancto, — toda essa serie grandiosa de factos magnificos, estupendos mas verdadeiros, que pertencem á parte sobrenatural da vida de S. Francisco. A gratuita suppressão dos milagres por M. Sabatier prova sufficientemente como elle supprime tambem gratuitamente tudo o que possa ser contrario á sua these. E' verdade que M. Sabatier consagra um capitulo (xi) «The Innes Man and Wonder—Wooking» (Homem Interior e Admiravel em suas Obras); mas além d'isso nem ao menos allude áquella vida intima e devota, que era a verdadeira origem de todas as virtudes do Sancto. (1) Nada, por exemplo, se refere com respeito ao importante logar que o mysterio da Incarnação occupou na vida de S. Francisco; em poucas almas se internou tão profundamente a nitida concepção d'este tremendo mysterio. Ninguem melhor do que elle appreciou as palavras do Evangelho, «De tal modo Deus amou o mundo, que lhe deu o seu Filho Unigenito». O Infante de Belem representava-se-lhe como o Amor do mesmo Deus tornado visivel. A Incarnação era para S. Francisco, como para S. Paulo, o grande mysterio do amor entre Deus e a humanidade: a seus olhos a meiga luz da Incarnação repoisava sobre toda a terra.

Conseguintemente elle não só teve um intimo e filial amor á Mãe do nosso Redemptor, mas professou terna devoção aos Sanctos e aos Anjos, — áquelles como fructos, e a estes como ministros da Incarnação. Tambem teve especial predilecção pela festividade do Natal. Chamava-lhe a «festa das festas», e por um habito caracteristico desejava nesse dia espalhar trigo pelas ruas, afim de que as aves, «especialmente nossas irmãs as andorinhas» podessem compartilhar comnosco os regosijos do dia de Natal. (2) M. Sabatier pinta com vivas côres (p. 285) o modo como S. Francisco celebrou nos bosques de Greccio a festa do Natal. Mas parece extranho, lendo tanto sobre o espirito de S. Francisco que M. Sabatier não tivesse referido á sua origem as acções do Santo, e não tivesse feito sobresahir os motivos occultos que os inspiravam. Recearia elle que ellas se apoiassem n'uma solida fé na Divindade de Jesus Christo? Não sabemos mas é bem certo que — tirando a S. Francisco aquella sua

(1) Appendix i, p. 215.

(1) Studebat in teriorem hominem recondere Jesum Christum. Tres Socié, p. 22.

(2) Cel., i cap. x, 85, 86, 87.

grande fé na Incarnação, a melodia da sua vida é totalmente destruida. Que maravilha, pois, que em todo o livro de M. Sabatier predomine uma nota discordante? Não ha homem que menos entenda S. Francisco do que um protestante liberal, que chega a negar que Jesus Christo era Deus Incarnado. E de resto o racionalismo, como todas as influencias philosophicas de horisontes acanhados, fecha os olhos a grande numero de verdades.

Excavações

X

Ha 113 annos... A devoção do Sagrado Coração de Jesus nos Açores. O actual Vigario Capitular Monsenhor Conego Antonio Maria Ferreira...

E' inexplicavel o zelo que no governo da Diocese açoreana tem mostrado o actual illustre Vigario Capitular Monsenhor Conego Antonio Maria Ferreira.

Depois da eleição de Sua Exc.ª não ha um só numero do «Boletim do Governo ecclesiastico dos Açores» que não publique uma circular ou duas ou mais Provisões tendentes todas ao bem espiritual d'aquelle bom rebanho confiado a tão vigilante Pastor.

O illustre Vigario Capitular encontra no archivo episcopal d'aquella Diocese, «um documento, de grande importancia e apreço, para todos aquelles que teem a peito espalhar por toda a parte a devoção do Santissimo Coração de Jesus» e para logo publica uma Provisão «para dar conhecimento aos Rev.mos Parochos e mais clero... d'aquelle precioso achado, na esperança de que a sua divulgação muito ha-de concorrer para radicar cada vez mais nos corações dos bons filhos dos Açores o mais terno amor ao Divino Coração de Jesus.»

Afervora e instrue ao mesmo tempo recordando os Decretos da Sagrada Congregação dos Ritos de 5 de abril de 1879, 5 de agosto de 1891 e 28 de agosto de 1894.

O documento é devido ao zelo e fervor do Senhor D. Frei José de Ave Maria, franciscano e é do theor seguinte:

«Fazemos saber a todos os nossos amados «diocesanos que vivem dispersos nas ilhas que «pertencem a este Bispado que o Santissimo Pa«dre Pio VI por Breve expedido em o primeiro «de Março de 1791, attendendo ás nossas humil«des supplicas concedeu a todos os fieis de um e «outro sexo que vivem no dito Bispado Indulgen«cia plenaria perpetua, *visitando a Imagem, ou «pintura do Santissimo Coração de Jesus*, que se «venerar ou na nossa Santa Sé Cathedral, ou em «outra qualquer egreja collegiada ou parochial «assim publico como particular nos ditos Mostei«ros, collegios, seminarios e recolhimentos no dia «de sexta-feira depois da oitava do Corpo de «Christo, como tambem em todas as sextas-feiras «do mez de Março desde as primeiras vesperas «até ao pôr do sol dos seguintes dias declarados, «confessados e commungados e rogando na pre«sença da dita Santissima Imagem pela concordia «dos principes christãos, extirpação das heresias «e na forma da mente do mesmo Summo Pontifice «concedente, a qual é tambem applicavel por mo«do de suffragio pelas almas dos fieis defunctos. «Concede mais o mesmo Santissimo Padre no di«to Breve cem dias de verdadeira indulgencia «tambem applicavel por modo de suffragio pelas «almas dos fieis defunctos aos mesmos nossos dio«cesanos que visitando a dita Imagem nos referi«dos logares pios e ahi fizerem as mesmas roga«tivas tambem confessados e commungados e isto «em cada um dos dias do anno uma só vez em ca«da dia; e Nós concedemos tambem quarenta dias «de verdadeira indulgencia a todos os que fize«rem as mesmas supplicas e com as declaradas «clausulas. Ordenamos pois a cada um dos Rev.os «Parochos de todo este nosso Bispado, que depois «de lerem este nosso Edital aos seus freguezes, e «o copiarem nos livros competentes, façam fixar «em uma tabella tão ampla graça em beneficio «das almas, para que todos se aproveitem como «muito desejamos e por esta recommendamos a «cada um dos ditos Rev.os Parochos cuidem em «logo mandar fazer e pôr no altar a Santissima «Imagem do Santissimo Coração de Jesus tirando «a despeza ou das Fabricas ou confrarias.

....

«Dado em Angra sob nosso Signal e Sello «aos 23 de outubro de 1792 José Antonio de Sou«za pro Escrivão da Camara Episcopal o subs«crevi.

«D. Frei José, Bispo d'Angra.

«Edital em que V.ª Exc.ª Rev.ma faz saber «aos seus diocesanos as indulgencias que ganha «quem ora na forma declarada acima, diante da «Imagem ou pintura do Santissimo Coração de «Jesus. Para V.ª Exc.ª Rev.ma vêr e assignar. «Signal e sello.»

Leituras amenas

Quadros biblicos

Ruth

I

Estamos n'um anno de fome.

Um calor enorme vae queimando todos os campos, e um sol abrasador reduz a palha myrrada todas as vastas seáras dos campos de Bethlehem de Juda. As cisternas estão seccas; nem um véio de agua vem refrescar aquella aridez.

Os rebanhos de carneiros e das vaccas

estão sendo dia a dia dizimados. Os que tinham os seus celleiros vastamente providos, podem, resignados, esperar que as chuvas venham mais tarde beneficiar novas culturas. Mas nem todos poderam ser previdentes, ou não o souberam ser.

E em Efrata de Bethlehem de Juda, Elimelech, vendo a tristeza dos seus campos, e temendo largos dias de fome, dirige-se com sua mulher, Noemi, para os ferteis terrenos de Moab.

Não foi sem saudade que elle deixou o seu lar, todos os seus companheiros e amigos de infancia, porque a terra que nos foi berço é para a nossa alma a imagem mais querida, e da mais santa devoção. Mas a fome que se avisinhava impelliu-o para longe, indo com os seus braços procurar trabalho, até que um dia podesse regressar ao seu lar, e abraçar as arvores que tão suave e amiga sombra sempre lhe prestaram.

Acompanharam Elimelech seus dois filhos, Mahalon e Chelion, seus companheiros de trabalhos, e moços crentes e tementes a Deus.

Receberam os Moabitas esta familia com todo o agasalho, dando-lhes terrenos para elles cultivarem, pois sabiam que tinham todos os predicados para o trabalho, que eram elementos uteis para o desenvolvimento da agricultura. Quando se retirassem para a sua patria, passada a crise da fome, lá ficavam os beneficios que tinham realisado.

Elimelech estava satisfeito; tinha pão para sua familia. De seus filhos recebia o respeitoso affecto, e as graças da formosa Noemi esmaltavam-lhe a vida de encantos.

O dia inteiro andava com os filhos desbravando a terra, por vezes nigrada, mas que á força de trabalho lhe recompensava as fadigas. Cada planta que germinava, cada flor que se enlaçava nos pequenos arbustos, era uma alegria.

Quando o trigo e a cevada lourejava como espigas de ouro, os seus corações sentiam um ineíavel *jubilo*, e bemdiziam a Deus por tantos beneficios.

Regressavam ao lar com a alma tranquilla, e os pulmões cheios de ar puro e saudavel. Esperava-os Noemi, tendo-lhes preparada a refeição da noite, leite, fructas, manteiga fresca e pão.

As esperanças, porem, d'Elimelech, de voltar á sua patria, foram extinctas no seu coração pelo anjo da morte.

Noemi, angustiada e triste, desejou voltar á sua terra, mas seus filhos tinham as almas presas a duas formosas Moabitas, Orpha e Ruth.

— Minha mãe, poucos parentes temos na nossa patria, os nossos campos estão incultos, e para que elles possam novamente dar-nos o sustento temos de empregar largos dias de trabalho. Aqui somos estimados, e, demais, duas filhas vêem para esta casa para serem a vossa companhia.

— Pois bem, meus filhos, seja feita a vossa vontade, ainda que minhas noras são de religião differente.

Coração de mãe, com sacrificio de suas saudades, não contrariou a vontade dos filhos.

E dez annos assim viveram, findos os quaes morrem Mahalon e Chelion.

Então a alma de Noemi sentiu a mais profunda amargura: nem esposo, nem filhos. A terra de Moab apresentou-se-lhe revestida da maior soledade; sou aqui, dizia, uma estrangeira, sem um coração amigo. O affecto de minhas noras quebrou-o a morte, por que nem filhos ficaram a prender estes laços de amor.

— Tres sepulturas ahi ficam, e eu já não tenho lagrimas para as regar!

Terras de Juda recebei-me novamente em vossos braços.

II

Noemi partiu d'aquella terra na qual passara dez annos de felicidade, porque o amor de seus filhos lhe adoçaram as agruras da saudade do esposo amado. Acompanharam-a suas noras; mas chegadas ao termo das terras de Moab, Noemi lhes disse:

— Minhas filhas voltae para vossas casas, ide para as vossas familias, mais tarde encontrareis outros maridos, pois ainda sois moças e formosas. Eu vou para a minha patria, velha no corpo e na alma. Lá findarei os meus dias de tristeza, esperando que o Senhor receba a minha alma angustiada.

Quando eu morrer tende para a minha memoria uma lembrança piedosa.

— Não, Noemi, não vaes só das terras de Moab, vossas filhas vos acompanharão e iremos partilhar dos vossos trabalhos.

— Filhas, muito vos agradeço os affectos, mas não consinto no vosso sacrificio. Gosae a vida, que ella para vós ainda terá dias de sol, porque a vossa noite está longe.

E as duas noras verteram copiosas lagrimas.

Orpha abraçou Noemi e deu-lhe um beijo de despedida, e, Ruth abraçou tambem sua irmã.

— Filhas, adeus, disse a amargurada viuva.

— Filhas! Não, disse Ruth, eu vou comtigo para a tua terra, serei a tua companhia nos trabalhos e nas saudades.

— E os teus parentes, o teu lar, as tuas esperanças! Vae, acompanha tua irmã.

— Não me falleis assim, que me entristeceis! O teu povo é o meu povo, o teu Deus é o meu Deus!

E Orpha partiu para Moab, e Ruth e Noemi para Bethlehem de Juda.

Ao entrarem na cidade o povo vendo aquellas duas mulheres perguntaram quem eram.

Dez annos, n'aquella mulher formosa, as lagrimas e as saudades, tinham-lhe roubado todo o frescor das faces e amortecido o brilho de seus olhos.

— Esta é Noemi, dizia o povo?

— Não me chameis Noemi, mas sim Mara. A Noemi morreu, o seu coração, as suas alegrias ficaram sepultadas em Moab. Fui d'aqui com esposo e filhos; volto só.

— Só, não, com vossa filha, Ruth!...

E Noemi abraçou a nora e beijou-a.

— Não me esqueci de ti, não, minha amada filha. Mas a tua alma está tão identificada á minha nas lagrimas e nas saudades, que formamos uma só existencia. Tão moça, ainda, devendo esperar que as primaveras ornem de flores o teu coração, deixaste a patria, e vieste para terra estranha ser a companheira de quem nada já tem a desejar. Que podes esperar de mim?

E o povo contemplava as duas mulheres com magua e recolhimento.

— Estás entre os teus, Noemi, não terás desamparo, nem fome. Os teus campos ahi estão; os nossos braços ajudar-te-hão.

Este povo, bem o sabes, é uma familia, quando ha uma desgraça n'uma casa, todos d'ella partilham. A justiça é serena, rege se mais pelo coração, do que pelas leis, que são simples como os nossos costumes.

Estas palavras amigas suavisaram um pouco as amarguras de Noemi.

Entretanto que saudades quando entrou no seu lar ha tanto tempo deserto!

Elimelech apresentava-se lhe cada momento, assim como a imagem de seus filhos. Em tudo estava revivendo o passado, que se não extingue e apaga nas grandes almas. Nos bancos de tosca pedra onde elles se sentavam pelas tardes estivas, depois de recolherem do seu trabalho, nas arvores que plantaram com desvellado mimo, nos caminhos por onde seguiam a sua jornada ao romper do sol, nas aves, que pareciam saudal-os no seu regresso, em tudo, emfim, estava viva, palpitante a vida d'outros tempos, extinctos para sempre, porque estava encerrada n'uma sepultura.

Na existencia simples, apenas resumida no trabalho e nos affectos da familia, as dôres são mais vivas, mais angustiosas.

Não ha o espectaculo de lagrimas faustosas, regradas pelas etiquetas das sociedades, que diluem o que ellas têem de mais pungente. A dor e a saudade não se attenuam com o luto externo; fica na alma por largos annos e por uma vida inteira, n'aquella soledade que cerca o coração como uma nuvem, que não ha raio de sol que a desfaça. Abençoados sejam os simples que sabem o que é saudade, *doce amargo de infelizes.*

III

Noemi e Ruth chegaram a Bethlehem de Juda no principio das segas da cevada.

Os campos que Noemi possuia estavam incultos, e nem ella tinha recursos para proceder a novos trabalhos. Viviam, ella e Ruth do que os parentes e visinhos lhes forneciam. Os ricos e remediados repartiam com os pobres os seus haveres, pois que todo o povo representava uma familia. Os servos ou creados eram uns irmãos. O rico não tinha para com elles soberba; eram uns companheiros nos trabalhos, e assim a vida não era pesada, nem havia odios, nem ambições. As leis eram suaves e cumpriam-se sem sacrificio. A palavra não precisava ser escripta para ser cumprida; o testemunho dos velhos bastava para confirmar os contractos.

No Levitico, com referencia aos pobres

dizia-se: Quando tu segares a seara dos teus campos, não cortarás rez do chão o que tiver crescido sobre a terra; nem enfeixarás as espigas que tiverem ficado. Não recolherás tambem na tua vinha os cachos, que ficarem da vindima, nem os bagos, que cahiram; mas deixal-os-has tomar aos pobres e aos peregrinos.»

Porisso Ruth disse a Noemi.

— Deixa-me ir ao campo apanhar espigas por detraz d'aquelle em cujos olhos eu achar graça.

— Vae, minha filha e que o Senhor seja comtigo.

E Ruth foi para o campo cheia de alegria, pois que assim podia prestar um serviço a sua sogra, cujos annos e maguas não a deixavam trabalhar.

Uma parte do campo para onde foi Ruth pertencia a Booz, homem rico, de infinita bondade, amado dos seus servos como se fôra um pae.

Chegou Booz ao campo e os servos lhe disseram:

— O Senhor seja comvosco.

— Bemdito seja.

— De quem é aquella moça?

— E' Moabita, veio com Noemi dos campos de Moab.

— Deixae a apanhar espigas e ajuntal-as entre as gavelas por detraz dos segadores.

—Vem cá, moça, disse Booz, não vás apanhar espigas a outro campo, nem tão pouco passes d'aqui. Quando tiveres sêde vae aos vasos e bebe.

—Porque achei eu graça nos teus olhos, meu senhor, sendo eu uma mulher estrangeira?

— Porque sei a tua vida, e o bem que tens feito a tua sogra, deixando os teus e vindo para um povo que não conhecias. E's nova e formosa; na tua terra encontrarias marido, e tudo sacrificaste n'um pensamento tão carinhoso. Tem plena confiança no Deus de Israel debaixo de cujas azas te vieste acolher.

— Bemdito seja, porque eu achei graça nos teus olhos, meu senhor.

— A' hora de comer, senta-te ao lado dos segadores, come do grão torrado e molha o teu pão no vinagre.

E Booz disse aos moços e aos segadores:

— Deixae apanhar as espigas até entre as gavelas (1) e deixae-lhe tambem tirar para ella dos manolhos.

E toda a tarde esteve Ruth apanhando espigas, dirigindo-se depois para a cidade.

Ao entrar em casa sua sogra vendo o muito que ella trazia no seu regaço, perguntou-lhe:

— Onde apanhaste tantas espigas, minha Ruth.

— Estive n'um campo d'um homem chamado Booz, cujas palavras tem a suavidade das creanças, e cujo olhar é como de um pae amantissimo.

— Abençoado seja o Senhor, que dispensa os seus beneficios tanto aos vivos como aos mortos. Esse homem é ainda nosso parente chegado.

— Disse me — Fica-te aqui com os meus moços até que acabe toda a minha sega.

— Cumpre as suas ordens; acompanha só com as suas moças, e que não te encontrem n'outro campo.

O tempo das segas dos trigos e das cevadas está a terminar. De sobejo tens trasido grãos para nossa casa; não necessitas ir para outro campo, que seria desagradecer ao Senhor tantos beneficios com que tem recompensado o teu trabalho e a tua dedicação.

Ruth ainda serás recompensada pela tua piedade.

IV

Estavam terminadas as segas, e outros trabalhos se vão seguir para completar os anhelos do lavrador. Durante um anno inteiro n'um lidar constante para o homem dos campos em alternativas de incertesas e de esperanças. E' somente quando o trigo está na eira, que elle pode descançar e ter a convicção de que o anno lhe não foi nefasto. Vida cheia de alegrias e tranquillidade, vida saudavel é certo, mas exposta tambem a riscos, a que a sua prudencia e trabalho não podem obstar.

Noemi disse a Ruth.

— Minha filha, Booz ha de esta noite joeirar a cevada na eira. Lava-te e unge-te. Veste os teus melhores vestidos. Não te dês a conhecer sem que elle tenha acabado de comer e beber. Verás o logar em

(1) Gavela, molho de espigas, das quaes 6 ou 7 fazem uma pavea — Pavea, feixe do trigo. Monolhos, gavela de espigas.

que elle repousa, e quando elle dormir, descobre-lhe os pés e deita-te sem que elle desperte.

Booz depois de se ter joeirado a cevada comeu e bebeu juntamente com os seus segadores: estava alegre. As moças cantavam e dançavam ornando as cabeças com as espigas. O trabalho estava findo e todos tinham tambem uma parte n'aquella abundancia.

Booz foi deitar-se na extremidade da méda, não para a guardar, mas por que a noite estava serena e sentia desejos de descançar. Os moços e moças deitaram-se na eira.

E Ruth vendo-o adormecido, descobriu-lhe os pés e deitou-se.

Pela meia noite acordou Booz, e disse:

— Está aqui uma mulher deitada aos meus pés?

— E' Ruth, tua serva.

— Abençoada és tu do Senhor, pois não seguiste os mancebos pobres ou ricos. Toda a cidade do meu povo sabe que és uma mulher de virtude.

— Não sou mais do que uma serva de vós meu senhor e de Noemi, minha mãe.

— Deus ha de escutar as tuas palavras e ornar a tua alma de flores. Eu guiarei os teus passos, Ruth; pois sou parente de Elimelech; mas outro ha ainda mais chegado. Descança esta noite, e ámanhã veremos se elle te quer resgatar.

E Ruth ficou deitada a seus pés até que a aurora resurgiu, annunciadora do dia.

Booz disse-lhe então:

— Que ninguem saiba que uma mulher entrou na eira. Despe o teu roupão, e segura-o pelas pontas. E depois lhe mediu seis medidas de cevada.

— Moça, agora vae para tua casa, que os trabalhos acabaram: espera que eu vou cuidar da tua sorte.

E Ruth partiu alegre; levava na alma uma esperança como nunca sentira em seu coração.

Chegando á cidade contou tudo a Noemi, com uma simplicidade como se fôra uma creança.

—Bem hajas, minha filha, em ter seguido os meus conselhos, porque o Senhor recebe sempre em seu regaço as palavras firmes de todos os que cumprem os seus deveres. Foste uma esposa dedicada, e és uma filha amantissima. Mas a tua missão na terra não está ainda cumprida.

— Os meus deveres, Noemi, são ser sempre a tua companhia; estar a teu lado, ajudar-te nos trabalhos da vida. Adorar o Deus que tu adoras, velar o teu somno, deitar-me a teus pés como serva humilde.

E um dia, quando tu me deixares e fores para o lado de teu esposo e filhos, irei regar com as minhas lagrimas a tua sepultura. Hei de cobril-a de flores e de palmas, e os teus vestidos ficarão guardados como reliquias do teu amor.

— Filha, como são doces as tuas palavras, como é bello o teu coração. O Senhor, que tudo vê e tudo determina marcou de certo qual será o teu destino na terra. Espera que esse honrado parente, Booz será o teu guia.

Abençoada, sejas, Ruth! O teu nome viverá nos espaços e nos tempos, por que a virtude é o esmalte mais bello do coração da mulher; e essa joia preciosa é a que brilha no teu coração piedoso.

— Mãe, as tuas fallas são um cantico, soltas por uns labios inspirados.

V

Booz está sentado á porta de uma casa, o que denotava que algum negocio importante tinha para tratar. Viu passar o parente mais proximo de Elimelech e chamou-o.

— Vinde cá, parente, temos que fallar n'essa questão que implica com os nossos deveres e nossos direitos.

Depois chamou dez homens dentre os Anciãos da cidade.

— Sentemo-nos que temos que tratar. Noemi vae vender a parte dos campos que pertenceram a Elimelech. Tu és o parente mais proximo, e, assim tens o direito de os comprares.

— Não ha duvida, resgato os campos de Noemi, não só por direito, mas por dever.

— Bem está.

Mas em aquelles campos estão os que pertencem a Ruth Moabita, viuva d'um dos filhos de Noemi. Tens então, conforme nossas leis, de tomar Ruth como mulher.

— Eu não a posso resgatar; sou casado, tenho mulher e filhos; não posso destruir a minha herança. Resgata-a tu para

ti, que és livre. E tirando o seu sapato deu-o a Booz, como era costume em Israel.

Booz disse então aos Anciãos e a todo o povo.

— Sois testemunhas de que comprei da mão de Noemi tudo que era de Elimelech e de Chilion e Malialon. E tambem Ruth, Moabita, mulher de Malialon eu a comprei para suscitar o nome do defuncto na sua herança. (1)

— Nós somos testemunhas.

Deus faça que esta mulher, que entra na tua casa seja como Rachel e como Lia, que edificaram a casa de Israel, e porta-te valorosamente em Efata e faz-te nosso afamado em Bethlehem.

As moças que assistiram a este acto dirigiram se a casa de Noemi; levaram palmas e flores.

— Vem cá Ruth, Moabita, que o Senhor achou graça nos teus olhos, luz no teu coração e aromas nas tuas palavras.

Noemi, a tua filha, foi resgatada por Booz, homem cheio de virtude, temente a Deus, que o tem enchido de beneficios. Alegra-te, viuva, que os nomes dos teus, e da tua casa não serão extinctos. As memorias do passado assim continuarão atravez dos tempos, ligando os mortos com os vivos.

— Bemdito seja o Senhor!

Não te dizia eu Ruth, que tivesses esperança!? A virtude é como a raiz das grandes arvores; está muitas vezes occulta no seio da terra; mas um dia chega em que ergue os seus ramos e se enche de flores, sempre frescas, sempre viçosas.

Agora, Ruth, prepara-te para receberes o teu senhor. Unge-te de oleos aromaticos, engrinalda os teus cabellos de flores e veste os teus melhores vestidos.

E as moças foram vestir Ruth, ungil-a de oleos e toucal-a de flores.

Entretanto Ruth tinha uma vaga melancolia no seu olhar, uma tristeza na sua alma. Era o passado que se lhe apresentava ao seu espirito. Mas tinha que obedecer á lei e cumprir o seu destino.

Chega depois Booz a casa de Noemi, acompanhado dos seus parentes e amigos e tomou Ruth, abraçando Noemi.

E as moças disseram — Bemdito seja o Senhor, que o seu nome será afamado em Israel.

— Filha, vae cumprir a tua missão; acompanha o teu senhor. Os laços que nos uniam quebraram se hoje.

Aqui fica uma viuva triste!

— Não minha mãe, os laços do coração não mais se quebram senão pela morte.

— Noemi, disse Booz, sois injusta na vossa amargura. Tua filha continuará a ser a tua companheira. Na minha casa entram hoje duas mulheres.

— Bem hajas, meu senhor.

E o povo alegrava-se, partilhando d'esta felicidade, vendo duas almas felizes, augurando dias de serena paz, e de gloria para o povo de Israel.

Ruth teve um filho, que se chamou Obed (servo de Deus), que foi pae de Isai e este de David.

E Ruth vive na historia do povo de Israel como uma figura das mais sympathicas, sendo um dos quadros mais bellos, pelas crenças e simplicidade dos costumes.

COSTA GOODOLPHIM.

(1) O desejo da posteridade era o fundamento da lei, que ordenava ao irmão a casar com a viuva de seu irmão, quando elle morresse sem filhos. Direito estabelecido desde o tempo dos Patriarchas, como se vê pela historia de Thamar e cumprido sempre como uma obrigação de piedade, para que o nome do defunto não ficasse esquecido na sua familia, que por isso os filhos lhe eram attribuidos por uma especie de adopção. Fleury.

Quando o irmão não queira cumprir este preceito, diz o Deutoronomio — «A mulher se chegará a elle deante dos Anciãos, e lhe tirará o sapato d'um pé, e lhe cuspirá na cara, e dirá — Assim será tratado aquelle que não edifica a casa de seu irmão.

E a casa se chamava em Israel a casa do Descalçado.»

O casamento era um acto civil.

A benção paternal consagrada na antiguidade, servia de benção nupcial.

A esta solemnidade assistiam os parentes e amigos.

Vida e costumes d'alguns insectos

IV

BORBOLETAS NOCIVAS

Depois que apresentamos e historiamos rapidamente a borboleta do *bicho da seda*, como o typo mais acabado e perfeito do insecto util e proveitoso ao homem, condensando — para assim dizer — em uma só tudo o que se pode dizer em

louvor da classe numerosa dos *lepidopteros*, justo é que enumeremos os defeitos e crimes de muitas outras borboletas, e ponhamos de sobreaviso ao publico para que se precavenha contra tão temivel inimigo.

D'esta maneira resaltarão mais claramente as boas qualidades d'aquella e seremos justos para com todas, prestando ao mesmo tempo um bom serviço á maioria dos leitores — denunciando as malfeitoras, e propondo alguns meios de as combater e preservarmo nos de seus estragos.

E' entre as borboletas nocturnas e crepusculares que encontramos maior numero de inimigos, que, na apparencia de insectos tão insignificantes, são dos mais temiveis, attenta a prodigiosa multiplicação e voracidade de suas larvas.

São innumeraveis as especies que, como salteadores, vagueiam de noite aos bandos por toda a parte, introduzindo-se em casa, nos bahús, nos armarios, nas bibliothecas, deixando signaes indeleveis de sua passagem destruidora. Outras nos campos fazem maiores estragos ainda: — os pinhaes, as vinhas, as searas e os pomares não conhecem maiores inimigos que as pequenissimas borboletas, que em volta d'ellas revoloteiam toda a noite aos milhares.

Indicaremos apenas algumas especies das mais nocivas, e cujo conhecimento poderá ser mais proveitoso aos leitores, pois seria impossivel descrevel as por extenso em tão limitado espaço.

*
* *

A *tinea* ou *traça* é uma das mais perniciosas e nocivas pelo grande estrago que causa nas tapeçarias.

Este grupo por si só constitue um numero prodigioso de especies, e seus habitos e costumes são tão dissimilhantes entre si, que é quasi impossivel deslindar seus caracteres communs, sendo por isso muito difficil sua classificação. São geralmente muito pequenas, e suas côres distribuidas d'uma maneira muito caprichosa e variada. Algumas são d'um brilho lindissimo, mas a maior parte d'ellas são pardas ou escuras como a noite em que vagueiam e giram por toda a parte. Suas larvas ora vivem em familia dentro de vasto tecido ou veo, ora em folhas que préviamente enrolam unindo as com alguns fios de seda fabricada para esse fim; outras preparam um involucro onde vivem, arrastando-o para toda a parte, escondendo-se n'elle ao menor perigo. Compõe, como dissemos, grande numero de especies; a principal é a *traça da roupa*.

E' escusado descrevel-a com todas as minuciosidades. Todos a conhecem até de mais. Muito pequenina, de côr de farinha de trigo, é essa linda mariposa que, ás vezes, attrahida pela luz da candeia, sae de seu esconderijo vindo revolotear febrilmente em roda d'ella, até que emfim esta a apanha e morre. E para algumas pessoas, mais ou menos supersticiosas, não é pequeno o susto que lhes mette sua fatidica apparição, que dizem ser de mau agouro. E são certamente de bem mau agouro, porque sua apparição é seguida quasi sempre de grandes estragos nas roupas de nossos bahús e armarios.

Quando chega a epoca de pôr os ovos, procura na escuridão da noite o sitio mais proprio para fazer o ninho. Tapetes e roupas de todas as qualidades, sobre tudo de lã; pergaminhos, lombadas de livros e todos os objectos de coiro e pelles, são os objectos escolhidos para collocar os ovos. Desenvolvem-se com a temperatura que ordinariamente reina n'esses logares, e transformam-se em larvas passando pelas mesmas pouco mais ou menos, metamorphoses, que o *bicho da seda* e demais borboletas.

Uma vez saídas dos ovos começam logo sua obra destruidora, devorando completamente os objectos em que se encontram. Uma especie chamada *tinea pellionella*, é sobretudo a inimiga terrivel das bibliothecas. Estraga as lombadas dos livros e devora-lhes o papel fazendo furos e galerias por muitas partes.

A *therebenthina*, a *benzina*, o *phenol* e sobretudo a *naphtalina*, que se compram em qualquer botica, são os melhores insecticidas. Usam-se em vasos especiaes destapados, ou embebibos em esponjas se são liquidos, e em pequenas bolas ou em pó se são solidos. Meia duzia de bolas de *naphtalina* em um bahú de roupa é sufficiente para d'elle affastar a *traça* completamente.

*
* *

A *traça dos celleiros* é outra praga terrivel que nos causa os maiores damnos. Encontram-se em grande numero nas fendas das arvores e principalmente nas dos carvalhos durante o dia, no qual não giram por serem tambem nocturnas. Sua vida é das mais ephemeras. Depois que nascem e se acasalam, procuram logo os celleiros onde depositam um ou dois ovos em cada grão. A lagarta que d'ellas procede vai logo alimentando-se dos cereaes, devorando-os por dentro e causando a perda de todo um celleiro. Depois de bem fartas e crescidas, retiram-se a qualquer fenda onde se devem realisar as metamorphoses já sabidas, até chegar a borboleta perfeita. A's vezes junta alguns grãos do cereal em que viveu, e reunindo-os por uma substancia que segrega de si, semilhante a um delgado papel, fabrica uma commoda habitação em que ha de passar o inverno.

O melhor preservativo contra este flagello é deixar seccar bem os cereaes antes de colhel-os, e expol-os de vez em quando ao ar e á luz, e até ao sol se tanto fôr necessario, para matar os ovos das larvas d'esses damninhos insectos.

*
* *

Outra borboleta de tristissima celebridade por seus estragos, e que é mal conhecida do vulgo, por ser nocturna, é a *retina buolina* ou *tortrix dos pinheiros*. São borboletas escuras e habitam nos pinheiros, esvoaçando pela caruma. E' nas noites serenas de maio que ella realisa a postura apinhando grande quantidade d'ovos nos rebentos dos pinheiros. Esses ovos extranhos cuja origem o povo desconhece, só nascem no outomno para devorarem completamente os novos rebentos onde se acham. Logo que as lagartas ou larvas attingem seu maior desenvolvimento, bem fartas e nutridas do estrago que fizeram, juntam-se em

colonias numerosissimas e fabricam um casulo grande de fios de seda e resina, e ahi vivem durante todo o inverno metamorphoseando-se successivamente em chrysallida e em borboleta. Succede isto por todo o mez d'abril.

E' porém mais frequente emigrarem em grandes levas ou cordões em muito boa ordem. Descem umas atraz das outras pelos pinheiros abaixo e caminham na terra, sempre em ordem, até encontrarem um logar proprio para sua derradeira habitação.

E' summamente curiosa e interessante esta emigração para quem se der ao trabalho de as seguir passo a passo e de as observar minuciosamente. Vão de tal maneira unidas e concatenadas umas com as outras que parecem um individuo só, ou uma serpente estranha e disforme. Qualquer d'ellas não se aparta jámais de sua companheira que a precede, sob pena de se perder e apartar-se do caminho que todas devem seguir. Por isso sua marcha é como medida a compasso, e os movimentos de cada uma são todos uniformes.

Se acaso a *chefe-de fila* pára por qualquer obstaculo que lhe interceptou a marcha, dá-se logo uma ondulação em toda a linha até á *cerra fila*, parando todas successivamente desde a primeira até á ultima; e se alguma mais ousada rompe a marcha sem attender ás que lhe servem de guia, perde-se inevitavelmente, arrastando comsigo todas as que a seguem, a não ser que depois espere que passem adeante suas companheiras e ella se torne a enfileirar devidamente.

A razão d'este cuidado em seguirem se fatalmente, guiadas todas pela primeira que vae em frente, é o serem privadas da vista, guiando-se pelo tacto e olfato. Para me certificar d'isto fiz muitas vezes a experiencia partindo ao meio um d'estes cordões de lagartas desviando uma para um lado. Esta, que era então a *ovelha mestra* das que a seguiam, começava a tactear ás cegas em todas as direcções, algumas vezes muito perto d'onde se apartou, sem se atrever a romper a marcha até que tocava na sua antiga conductora. E o que é mais notavel é o instincto d'estes animaes, porque vendo as de deante que as de traz se haviam transviado, todas paravam, logo que a ultima dava signal de se terem roto as linhas.

Succede porém muitas vezes que não chegam todas a seu commum destino, porque tendo de atravessar caminhos e carreiros, são não poucas vezes divididas e apartadas pelo transito de carros e animaes, formando diversos plotões que raras vezes se tornam a unir, seguindo cada um seu destino, até chegarem a um ponto que lhes agrade. Ahi cavam o chão e enterram-se, esperando a primavera seguinte em que se metamorphoseam em borboletas, começando nova roda de transformações e estragos.

Os lavradores e camponezes quando topam com algum d'estes exercitos de lagartas teem grande satisfação em esmagal-as todas sem deixar nem uma. A's vezes é effeito d'um especial instincto insecticida commum a todos elles, e especialmente aos rapazes; mas a maior parte das vezes procede da intima persuasão de se livrarem de insectos muito nocivos. Se é por isto teem razão, porque são grandemente prejudiciaes aos pinheiros, arratando lhe toda a caruma verde e destruindo ás vezes pinhaes inteiros quasi completamente. Não é porem n'este estado, quando se vão arrastando pela terra, que ellas são nocivas porque já não comem nem destroem cousa alguma; mas como de cada uma ha de nascer uma borboleta que ha de dar origem a outro prodigioso numero de lagartas como as primeiras, por isso convem matal-as e destruil-as.

Não sei que haja remedio especial para esta praga tão ruim; apenas conheço seus mais terriveis inimigos, e cuja multiplicação representará a diminuição d'esses pobres insectos. Mochos, carujas e demais aves nocturnas; pica-pau, rouxinol, andorinhas e muitas aves diurnas, mas sobre todas os morcegos são o terrivel flagello d'esses pobres insectos. Caçam-nos de dia e de noite a milhões. Por isso cada uma d'estas aves que desapparece ou são mortas por mão malfaseja, representa uma grave perda para o lavrador.

*

* *

Alem de 18 insectos diversos das ordens dos *hymenopteros* e *dipteros*, não conheço remedio mais efficaz que o já innumerado para outro flagello mais terrivel que o precedente, isto é, para a *pyrale* ou *tortrix da vinha*. E' uma borboleta pequena, com as duas azas maiores riscadas de castanho, sendo as mais pequenas de côr pardo-escura. São insectos nocturnos, e suas larvas esverdeadas teem a cabeça preta.

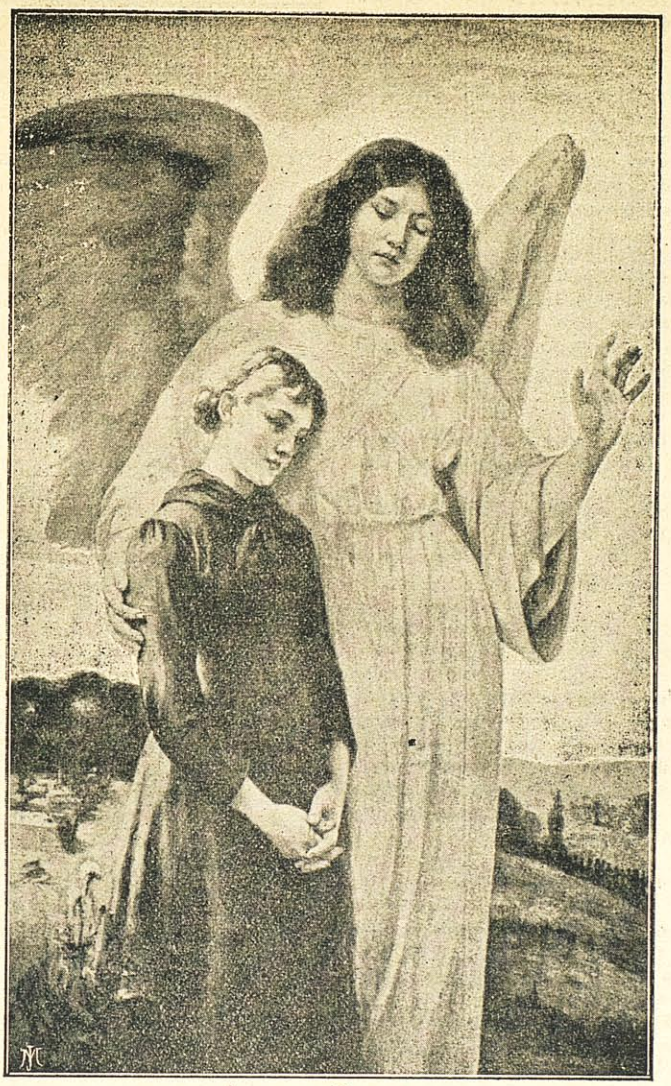
Quem não conhece essa terrivel praga chamada — *a lagarta*, o mais conhecido e antigo de todos os inimigos da vinha? Ainda nós agora não temos muita razão de nos queixarmos, porque em nosso paiz está quasi extincta. Ha cousa de meio seculo era das mais temiveis esta praga. Os tão celebres vinhedos de Borgonha e Champanhe foram por vezes inteiramente destruidos por estes insectos vorazes, e os de Portugal não tiveram melhor sorte.

E' na primavera e outomno que ella apparece, e põe os ovos nas folhas e novos rebentos das vides, sob o aspecto de malhas esverdeadas, com a media de 60 ovos cada uma. Passados poucos dias saem as lagartas dos ovos começando logo a percorrerem os pampanos e novas espigas, devorando-as ou destruindo as. Algumas vezes introduzem-se no cacho envolvendo o com uma rede de fios para lhes servir de abrigo, impedindo assim seu desenvolvimento e prejudicando á fructificação da cepa.

Chegado o periodo de seu maior desenvolvimento larvario, que é depois de terem causado os maiores damnos ao vinhateiro, retiram se ás fendas das cepas, por entre a casca dos tutores, e ahi passam o inverno soffrendo suas competentes metamorphoses e transformações, iguaes ás das outras borboletas.

Este periodo termina na primavera seguinte com a vinda do bom tempo, saindo então novas borboletas e recomeçando suas evoluções e estragos como ao principio.

Alem dos remedios já indicados, que são as aves insectivoras, o que parece mais efficaz e praticavel, é o seguido commumente: — *apanhal-as á mão e destruil-as*. O sulfato que se deita na vinha para destruir o *mildiu*, tambem consegue ma-



Anjo da Guarda

tar grande quantidade d'estes insectos no estado de pequenissimas larvas, ou ainda dentro dos ovos.

Mas o inimigo mais terrivel da *pyrale* e suas larvas, é de origem parasitaria, o mesmo que ataca o *bicho da seda*. A elle devemos a quasi completa destruição da lagarta em nossos vinhedos.

Lucanus.

Culto de Santo Antonio

BRAGA

Mais uma vês foram abertos os cofres de Santo Antonio encontrando-se n'elles:

Petições.....	18
Acções de graças.....	5
Requerimentos pedindo pão.....	3
Dinheiro em papel.....	5$000
» » moedas de 500 rs....	4$000
» » » 200 e 100 rs..	23$800

Dinheiro em moedas de 20 rs.....	20$500
» » » 10 rs.....	7$250
» » » 5 rs.....	1$305
Na sacristia.....	6$790
Total.....	104$645

Tambem foi encontrada no cofre uma argola d'oiro, achada pelo snr. Luiz d'Araujo Franqueira, e lançada no cofre para o seu producto ser applicado aos pobres, segundo a intenção de quem a tiver perdido.

— Meu glorioso S. Antonio. — Envio-vos 1$500 réis, para os vossos pobres, por graças que me fizestes. Peço-vos que me deis saude e a toda a minha familia. Vossa devota — *O. M.*

— Meu glorioso S. Antonio. — Agradeço vos a graça que me concedestes, e envio vos 500 réis para o pão dos vossos pobresinhos. Uma vossa devota — *F. L. S.*

— Manoel Ferreira Torres de Gualtar offerece ao glorioso S. Antonio 1$500 réis por um beneficio recebido.

— *P. A. L.* remette 1$500 réis por ter escapado da morte um animal moribundo.

MACAU

O «Boletim da Diocese de Macau» escreve: Durante o mez o cofre do Pão dos Pobres rendeu 226$39.

Foram distribuidas as costumadas esmolas pelos pobres de Macau, Taipa, Colowane, Ribeira Grande, e d'esta vez pelos de Sia Ki e pelas casas de benificencia das missões. No dia da distribuição foi enorme a affluencia do gentio, sendo contemplados todos os que compareceram em numero superior a quatrocentos.

De varias partes

Agradeço-vos, meu S. Antonio, a graça que me fizestes de ficar approvado nos exames do curso superior. Cumpro o meu voto publicando esta graça na vossa «Voz». Gôa.

— Envio 5$000 réis para o Pão dos pobres de Braga por S. Antonio me livrar d'uma doença — Coimbra, *M. S. T.*

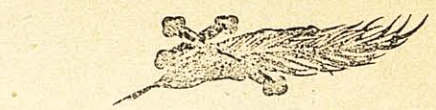
— Meu glorioso S. Antonio. — Agradeço-vos profundamente reconhecida a graça que obtivestes do Coração de Jesus de melhorar uma pessoa de minha familia.

Envio-vos essa pequena esmola para os vossos pobresinhos. Peço continueis a proteger-me — *A. T.*

— Meu glorioso Santo Antonio. — Do fundo do meu coração vos agradeço a graça que me concedestes.

Prometti dar-vos 1$000 réis se a minha sobrinha que quebrou uma coixa ficasse sem defeito.

Abençoae toda a minha familia. Abençoae esta vossa humilde devota que confia na vossa protecção.—*Maria Augusta de Sousa Vasconcellos.*



OS NOSSOS DEFUNCTOS

Pie Jesu Domine,
dona eis requiem.

Padre Marcelino Faria. — Consumido pela tuberculose da laringe, no dia 27 de maio ultimo deixava-nos este nosso querido amigo e collega de estudos. E' mais uma victima — podemos affirmal o — da chamada questão religiosa de ha quatro annos. Acompanhámol-o no exilio, onde foi necessario buscar abrigo e tranquilidade para continuar os estudos (o nosso collega Marcelino cursava o segundo anno de theologia) e sabemos, por analogia de sorte, quantos sacrificios e soffrimentos custou essa transformação brusca e forçada, para um meio, onde tudo se afigurava distincto ao coração cruelmente engeitado da Patria. O Padre Marcelino foi um dos membros da colonia que mais estranhou esta mudança e mais lhe sentiu as consequencias. A enfermidade que acaba de victimal-o, remonta a esta época. Quantas vezes os collegas tememos e receiámos este desenlace, com quanto o não suppozessemos tão proximo!

Por outra parte, o continuo estudo, que o Padre Marcelino não abandonou jámais até alguns mezes antes da morte, coadjuvou a enfermidade no seu incessante trabalho de ruina e destruição.

Natural de Forjães, concelho de Espozende, o Padre Marcelino tinha 26 annos incompletos e tres de sacerdocio, sendo *o dia dos funeraes* (28 de maio) o terceiro anniversario da *missa-nova*.

Aos nossos leitores pedimos uma prece pelo saudoso finado.

*

Mgr. Luiz de Parma, Arcebispo de Ptolomaida, e fundador da Pia União de Santo Antonio falleceu. Uma prece por sua alma.

*

D. Maria Maximina Machado, da casa d'Alem, de Adoria—Cerva.

A morte acaba de fazer mais uma victima, de roubar do seio d'esta freguezia, no dia 14 de março, este anjo da caridade.

D. Maria Machado, era, pela nobreza diamantina do seu caracter immaculado, pelo raro conjuncto de superiores qualidades que lhe enriqueciam o espirito, pela distincção suprema do porte e pela primorosa e gentil affabilidade do tracto, em tudo e por tudo um verdadeiro modelo. Senhora de avultados meios de fortuna, empregava a maior parte do rendimento dos seus capitaes na distribuição de esmolas aos pobres e em outros piedosos fins; protectora desvelada dos amigos de Deus, esta senhora era, sem rodeios, um verdadeiro apostolo; e, por isso, quantas almas já estarão gozando da bemaventurança eterna, devido ao zelo que sempre teve para que

ninguem se afastasse do caminho da salvação e pelos esforços que sempre fez para subtrair das garras do demonio grande numero de extraviados, não se poupando para isso, a despezas e trabalho! Com rasão, pois, a maior parte da freguezia pranteia saudosa a falta d'esta carinhosa mãe.

Recommendamos a alma d'esta bondosissima senhora ás orações dos filhos de S. Francisco d'Assis, de quem era bemfeitora, bem como ás de todos os leitores da «Voz de Santo Antonio» da qual era assignante.

Estamos convencidos de que Deus já lançou mão e arrecadou para o Seu seio esta sua serva; mas como nol-o impõe o dever da gratidão, sejamos cumpridores enviando uma prece ao céo por quem tão bem soube viver na terra, deixando toda a sua familia herdeira de suas nobres qualidades e a todos o seu exemplo.

*

Recommendamos tambem ás orações dos nossos leitores a alma dos nossos assignantes fallecidos.

D. Maria Teixeira Nazareth Azevedo.
D. Maria Dorothea Camarate e Vasconcellos
Conego José Fernandes Barreira.
Francisco de Moraes Leite Souto-Maior.
Fortunato Augusto Alves.
Rosa Esteves.
Adelina Miranda.

R. I. P.

Secção scientifico-litteraria

Theoria da Imprensa Catholica

Mais difficuldades

A REPUGNANCIA a patrocinar os interesses d'uma classe, a que se tem opposição, não é o unico embaraço, que o jornalista aspirante a popularidade deve cercear.

Proteger interesses do povo não basta; é mister comprehendel-os de fórma, que se insinue e tome raizes no coração dos operarios; é necessario com o defender os interesses dos operarios não lançar fogo á sociedade. Attenda o jornalista catholico, porque esta advertencia não é de somenos importancia.

São os interesses das duas classes principaes da sociedade oppostos naturalmente e sobrenaturalmente harmonicos.

E' possivel levantar a classe dos operarios, sem rebaixar a dos senhores.

Esta virtude tem-n'a o christianismo, e aqui é que vae o segredo do seu monopolio.

E' possivel tornar reciprocamente as classes da sociedade mais ditosas, prosperas, e cheias de vida do que estão hoje em dia.

Ignora-se este segredo.

Posto que o Evangelho o contenha, tão olvidado está que até os proprios commentadores officiaes do Evangelho apenas o entresonham, e não ousam apresental-o e pôl-o em acção.

Não é pois de admirar, que sejam tão raros os jornalistas capazes de desempenhar limpamente este trabalho.

Quando se trata de melhorar os interesses dos operarios, pensam os burguezes que soffrem prejuizo, e se insurgem para defender a vida.

Os operarios, por seu turno, instruidos por experiencia propria e pelas idéas dos representantes das classes superiores, não acabam de capacitar-se, que os desejam patrocinar, se não vêem uma hostilidade declarada ás classes elevadas.

A religião dos catholicos, que preceitua ás classes afortunadas abaixar-se ás menos favorecidas, era, se persistisse na sua essencia e pureza, a cabal solução da questão social.

Os catholicos, porém, rebeldes a esta doutrina, tanto se deixaram entrar da cegueira do proprio interesse intrometendo-se nos partidos antigos e anti-populares, que só pensam ter o triumpho seguro na repressão das aspirações populares, e o povo só julga poder respirar desafogadamente com o esbanjamento dos catholicos.

Estas duas opiniões pois cumpre destruir, para fazer popular e aceito aos operarios um jornal baseado nos principios catholicos, e que deseja dar á religião um logar honorifico.

Comece-se por reformar a educação de todas as classes segundo os principios de uma sciencia, que embora antiga como o christianismo nos seus elementos, está ainda no estado embrionario como corpo de doutrina e programma social.

Este corpo de doutrina encontramol-o na encyclica *Rerum Novarum* — e n'outros escriptos sociaes de Leão XIII que são a cópia da Biblia, do Evangelho, dos Santos Padres e dos grandes doutores catholicos.

Os estudos ecclesiasticos porém, tão

pouco impregnados estão d'esta doutrina que ainda ha poucos annos o commum dos theologos contestou a competencia do Papa n'estas materias, tão grande era a cegueira de suas intelligencias!

Por outro lado era tão diminuto entre os catholicos o numero de adeptos d'esta doutrina, que os designaram ao principio com um nome especial — *democratas christãos*.

De presente os que adherem a esta doutrina parecem os innovadores, e os que a repellem passam por homens de tradição.

Creação do «Bloc»

Do sobredicto se colhe qual seja a natureza do *Bloc* e como tende fatalmente á perseguição — consequencia natural da luta travada entre o Quarto Estado e as classes predominantes.

Estas ultimas desembaraçadas de todo o dever social pelas falsas idéas da Revolução nenhuma obrigação cumprem por vezes, e querem não obstante conservar intactos os privilegios de sua riqueza. O povo a quem taes privilegios molestam recusa-lhes a legitimidade e pretende restabelecer-se sobre as ruinas do que elle chama *capitalismo*.

Os tres Estados antigos quotidianamente recebem córte pelo engrandecimento do proletariado já senhor do poder; de todos elles porém, o clero é quem tem conservado mais solidariedade de força agente, e annexado ao poder material ou numerico uma força moral, que o povo está longe de desdenhar.

O povo irrita-se, por não ter da sua parte o clero, cuja hostilidade e indifferença até, reputa uma traição.

Como quer que seja, o certo é, que dos jornaes catholicos poucos defendem seriamente e com ardôr em terreno catholico os interesses do operario, poucos commungaram nas idéas de Leão XIII fazendo das encyclicas sociaes d'este Pontifice, o programma de acção e reivindicação.

Os operarios pois que procuram um jornal devotado á sua causa só encontram n'estas condições a imprensa neutral ou anti-catholica.

Fraqueza relativa dos jornaes séctários

A imprensa anti catholica toda se consagra ao serviço da democracia, fal-o, porém, por meios revolucionarios com promessas manifestamente enganosas ou então por tudo isso junto.

Eis o seu fraco, d'aqui para o futuro.

O povo não renunciará jámais as suas reivindicações, nem acceitará a permanencia do *statu quo*, mas não quer que escarneçam continuamente d'elle, e exige o cumprimento das promessas.

Por isso, se os catholicos comprehenderem a sua causa e o sobrenatural ardor do sacrificio social, podem tomar o predominio e reconquistar lhe todas as liberdades.

Logo, mais que os revolucionarios e atheus podem os catholicos patrocinar os interesses populares.

Se o não fazem, acabou se, o catholicismo está condemnado a uma perpetua impopularidade social.

E é assim que o consideram os cinco ou seis milhões de eleitores que votam pelo *Bloc*.

Reputando os burguezes, conservadores e catholicos — que para elles é tudo um e o mesmo — eternos antagonistas das classes operarias.

Se porém o catholicismo tem de verdade as palavras da vida presente como as da futura, se póde annunciar aos pobres a boa nova da sua liberdade social, se póde conciliar todos os interesses, se póde melhorar a vida aos que a tem penosa afadigada, se é verdadeiramente a perfeição social e a ordem do mundo; a que vem então os temores?

Basta que os representantes do catholicismo instem n'estas verdades — e façam os seus periodicos, orgãos acerrimos e ardentes d'estas idéas.

E' pois este o programma, a que tem de soccorrer-se todo o catholico, que deseja fundar um jornal devéras popular; d'est'arte ganhará sobre os jornaes sectarios o espirito da maioria dos eleitores.

Porque se era natural até ao presente que os eleitores proletarios preferissem promessas dos adversarios a ameaças nossas, não é menos justo d'ora avante os mesmos eleitores prefiram a promessas chimericas, as nossas bemfazejas realidades se lhe soubermos apresentar realidades.

Phisionomia dos futuros jornaes catholico-populares

Do sobredito se vê que a fundação da

imprensa catholica exige a transfusão das idéas actuaes.

E' necessario pois mudar as apparencias presentes para não dar causa a algum equivoco

Os periodicos cujos nomes de ha muito conhecidos significam guerra á democracia nem mudando de doutrina podem ser aproveitados.

Os periodicos monarchistas representam as classes elevadas, a nobreza, a burguezia com suas illusões e preconceitos, e sua opposição aos operarios é tradiccional.

Tão enraizada tem a reputação que não ha mudal-a.

Mudanças de linguagem apenas soem dar a impressão de mascara e hypocrisia.

Sobre não ganhar nada, perdemos a reputação de sinceridade.

Os periodicos da burguezia republicana para nada nos servem tambem.

Entre burguezes por egual hostis á sua causa, o povo não extrema os que vão á missa dos que não vão.

Uma vez mais: o povo quer um jornal *proprio d'elle* que se interesse por sua causa e que ponha peito em obter-lhe a realisação das promessas que lhe fez a Revolução — promessas que foram plagiadas ao christianismo.

Que obteremos com o scepticismo e indifferença religiosa?

Por experiencia sabemos que só a religião póde defender a causa dos pequenos, porque só ella póde inspirar os sacrificios que tão arduo apostolado tem de mistér.

Se pretermittem a religião ou a dissimulam, nada encontrarão para apoiar os sacrificios e grandeza d'alma indispensaveis ás classes que tem valimento para acudirem ás que o não tem.

Os proprios operarios convém n'isso.

Comprehendem que a só religião póde inspirar um verdadeiro amor aos humildes; e se por vezes se irritam contra o clero, é que d'um modo confuso inconsciente quasi, mas real, lhe vituperam não ter fornecido os advogados ardentes, de que precisam contra as outras classes.

Em substancia o povo prefere um jornal popular catholico, a outro popular e atheu.

O jornal pois deve ser francamente catholico; não um simples lembrador de ceremonias religiosas ou um reportorio de retorica sacra, mas um commentario firme e resoluto do *misereor super turbam* e do *Væ vobis divitibus* do Evangelho.

.....

Deverá ademais o periodico ser deveras popular, insistindo particularmente sobre os problemas que desasocegam a gente laboriosa, e resolvel os a satisfação de tão interessante clientela.

Pelo derradeiro, tanto que o jornal falar do modo que indicamos, é necessario, que os catholicos para seu maior bem componham as acções com as theorias do jornal, e pratiquem as recommendações da Encyclica *Rerum Novarum*. E isto é ponto capital.

O jornal acareará a estima publica, se fôr simples eco dos factos, apontador de realidades fecundas, se basear as theorias em organisações catholico-operarias, se n'uma palavra puder ser eloquente delimitando a narrar o que em favor dos operarios fazem em toda a parte, e especialmente n'uma dada região.

Um jornal unicamente abstractivo, e de puras exhortações á paciencia, ou de simples defeza clerical não sortiria effeito algum.

A imprensa não popular

Concedo que ao lado da imprensa popular propriamente dita, tenham os catholicos outros jornaes, dirigidos não aos operarios, mas ao mais escolhido do seu partido.

Isto sobre ser conveniente, é necessario.

As idéas, que expuz, como medulla e essencia do Christianismo, devem ser prégadas não só aos pobres, mas tambem e principalmente aos ricos entre os quaes lavram as idéas mais tenazes e as paixões mais adversas.

Dois sentidos tem o Evangelho que um ao outro se chamam são porém differentes conforme a classe a que se dirigem: ao pobre diz: consolação; ao rico: sacrificio e caridade.

E ao rico principalmente é que um apostolo deve repetir esta sentença.

Com elles virão pelo mesmo influxo todos os outros.

Aos catholicos, sustento, que são necessarias numerosas revistas, ou então um orgão quotidiano encarregado do ensino superior da democracia.

Que um operario seja democrata é natural; quem soffre e está sobrecarregado só demanda allivio.

Mas que um rico, um burguez ou até um ecclesiastico seja democrata, é sobrenatural.

Requere-se um certo caudal de virtudes christãs e graças especiaes.

E' necessario um conhecimento theologico mais profundo, uma intelligencia mais perspicaz, um caracter mais sobranceiro, e um desinteresse mais real e absoluto.

Insinuar tudo isto no seio das classes elevadas, é o que eu chamo ensino superior da democracia.

Esta obrigação incumbe não só ás universidades catholicas, mas tambem a todos os jornaes catholicos, em especial áquelles que desejem contar o clero na primeira plana da sua clientela.

Hoje é corrente na Egreja que o Christianismo é democratico, e que todos os esforços do christão no tocante á aristocracia, devem ser por altear o nivel das classes populares.

Isto accrescenta ao jornal catholico novos deveres e lhe embarga a perfeição.

Deve primeiramente considerar que os interesses do clero não são separaveis dos da sociedade inteira e d'ahi collocar-se a uma altura em que os deveres concordem, os interesses se conciliem, e as verdades harmonizem.

N'isto consiste a missão do jornalista verdadeiramente catholico; em vigiar o desempenho de todos os deveres maximamente os do clero, essenciaes, mais que todos os outros; á perfeição social, occupar-se de todos os interesses e dos interesses de todos, divulgar emfim todas as verdades porque todas entram nos elementos essenciaes do governo do mundo.

Como nenhum jornalista tem perfeita sciencia de todas as coisas, e a segurança de doutrinas de um seraphim, é bom franquear o jornal ás summidades especialistas de cada sciencia, e acolher as advertencias dos homens bem procedidos e serios.

E' tambem um dever não occultar as verdades amargas da historia, até da contemporanea.

A aristocracia tem direito de saber e conhecer tudo.

Porque as penosas realidades trazem consigo cêdo ou tarde, castigos, cuja lição é necessario notar para que seja proveitosa, e para que a Providencia não seja calumniada.

N'uma palavra, em vez de justificar os homens a ponto de culpar a Providencia, é necessario justificar a Providencia com risco de ouvir dos homens um *mea culpa* base necessaria de toda a renovação moral.

PAUL LAPEYRE.

Corrigenda. — No decurso do artigo anterior a este tresmalharam alguns erros de imprensa notaveis, como *deveras serem lhe* por *lhe deveriam ser*; *defender* por *dispender*: *onudados* por *mudados* e *resoluções* por *revoluções*.

As nossas illustrações

Santo Antonio. — Estando no mez de junho, sendo a nossa revista orgão da «Pia União e Pão dos Pobres de Santo Antonio» e tendo o nome do grande Thaumaturgo — mal iria se a primeira gravura não fôra de Santo Antonio de Lisboa!

A presente gravura representa uma bella esculptura do snr. Fernandes Caldas, do Porto.

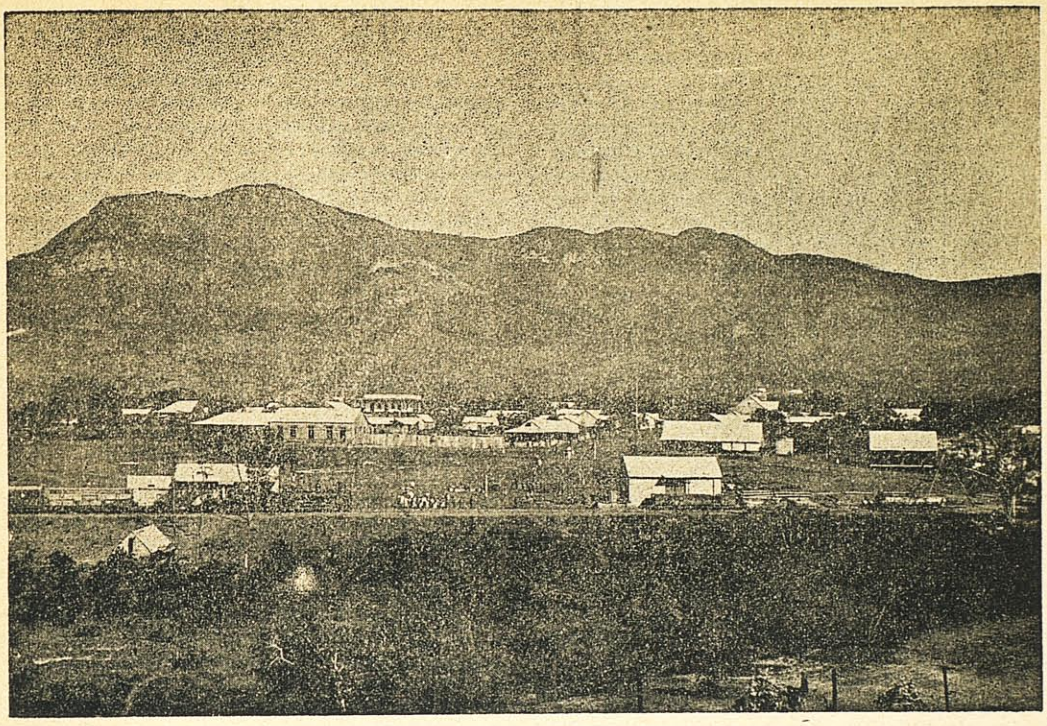
Bella — dizemos — e sobretudo pelo sublime pensamento que encarna: um protesto vibrantissimo contra os *socialistas* sem Deus e contra os *espiritualistas*?

O grande erro dos *socialistas* sem Deus, é olhar a terra e crer que o homem vive sómente de pão, esquecendo que o homem tem uma alma que tem fóme e sêde do infinito; e a terra inteira e todos os mundos dados a um só não bastariam para saciar esta fóme e estancar esta sêde.

E Santo Antonio apresentando o «pão» ao Divino Salvador recorda, lembra, insina esse infinito — unico que póde matar a fóme da nossa alma, e prehencher o vacuo do nosso coração...

O grande erro dos *espiritualistas* e dos christãos *sem caridade e sem coração* é crer ou fazer acreditar que bastam theorias, ou que é bastante o prégar a paciencia e a resignação aos que soffrem — aos filhos do povo que a sorte collocou na miseria!

Não — proclama o nosso Santo! E eil-o alli com a sacola ao hombro *mendigando* como outr'ora o pão de cada dia — não já para si — mas para os seus irmãos — para aquelles que soffrem e devotamente lhe gritam: Dá-nos com a fé que sustenta a alma — o pão que sustenta o corpo!



VISTA DE MACEQUECE

Mgr. Luiz de Parma. — Arcebispo de Ptolomaida.

Foi grande o nosso sentimento ao termos conhecimento da morte d'este por tantos respeitos, grande protector das obras antonianas.

Foi este o fundador e propagador mais acerrimo da Pia-União de S. Antonio e do Pão dos Pobres.

Já depois de eleito Arcebispo muitas vezes se entretinha em folhear os relatorios da Pia União e do Pão dos Pobres que todos os dias lhe chegavam ás mãos de todas as partes do mundo.

Amou com estremoso carinho estas duas obras que tanto bem tem feito á sociedade, e sobretudo o Pão, meio poderosissimo para fazer reviver entre os christãos do seculo xx o espirito que animava os christãos do primeiro seculo da Egreja. A todas as pessoas, mas principalmente, ás devotas das obras antonianas pedimos uma prece pelo illustre finado.

Chronica universal

ROMA

Uma estatua a V. Hugo em Roma. — O congresso eucharistico. — A exposição italo byzantina de Grotta-Ferrata. — A encyclica do Papa.

QUEM vier á cidade Eterna, ha-de entrar nos seus museus, visitar os seus monumentos, extasiar se perante as suas praças, e, por dever de impressões completas, agastar-se com o movimento extraordinario de suas *vias*, rigorosa e verdadeiramente cosmopolitas.

Mas no fim de tudo isto, ha-de respirar o ar puro de suas *villas*, esquivando-se com prazer á atmosphera mais ou menos viciada da cidade moderna.

Não é desagradavel tal visita; as massas bastas de arvoredo que as povoam, deixam nos a sensação bucolica do campo; e a animação pouco consideravel que reina n'aquelles parques, levanos ao espirito um contentamento intimo, um repouso da vida activa do visitante, para só cogitarmos nas maravilhas da grande Roma.

Vamos levar o leitor pelos parques amenissimos da Villa Borghese.

Entremos. Uma ou outra carruagem vae cortando a solidão relativa d'aquelle bello passeio.

Eis em nossa frente a estrada principal da *villa*, que vae desembocar alli fóra da Porta del Pópolo.

Caminhemos, leitor, e contemplemos a luxuriante vegetação que nos ladeia!

Creanças que brincam além com os seus balões de cautchú, aqui um *touriste* que conduz a tiracollo um binoculo, uma machina photographica e não sei que mais objectos de um Philias-Fog moderno, alli um pintor que esbate na palheta as côres com que desenha uma paisagem, e nós quasi a entrarmos numa praçasinha do parque, marcada n'aquella matta de verdura por uma clareira de céo azul.

E' aqui onde, no dia 5 de maio do anno que corre, foi erguida aquella estatua que representa o maior escriptor francez do seculo passado.

Sobre o pedestal de marmore escuro de Carrara, está de pé o grande e laureado Victor Hugo. Poisa a mão direita nas cordas da lyra, da qual elle soube arrancar com o seu genio masculo os accordes tão brilhantes de uma poesia imaginativa.

A seu lado esquerdo jaz um leão com as garras ameaçadoras; uma capa, elegantemente traçada sobre o fato do poeta, dá ao homem o cunho do talento, e infunde em nós o respeito do genio.

No pedestal, em caracteres de um amarello desmaiado, está a inscripção do estylo, que diz, pouco mais ou menos:

«Que gloria! que acontecimento!

A unidade da Italia atravessando como uma faisca eletrica tantas cidades gemeas, como Florença, Messina, Palermo, Pisa, Napoles, Veneza, etc., etc., e Roma!

Discurso por Garibaldi».

Mais em baixo: «A Liga Franco Italiana». Já vê, leitor, que entra n'esta inscripção o espirito accomodativo do liberalismo italiano.

V. Hugo, na immobilidade desculpavel do marmore, não reprova a lapide cravada no pedestal — que são palavras de seu proprio punho; mas, decerto, lá comsigo mesmo, ha-de extranhar um pouco a applicação d'aquelle texto.

Hugo tem uma estatua na Villa Borghese, como tantos outros liberaes que applaudiram as ideias garibaldinas gosam da mesma honra em qualquer largo de Roma.

A manifestação da Liga Franco-Italiana não parece ter sido endereçada ao poeta, ao escriptor; é consagrada a um homem que approvou o seu liberalismo apaixonado.

A festa da inauguração do monumento foi uma festa official: assistiram Victor Manoel, alguns ministros, o syndico de Roma, e alguns embaixadores de côrtes extrangeiras.

Proferiram-se discursos impregnados de idealismo e logares communs, com algumas palavras jorrando amor da patria e da liberdade... social. A avaliar por elles, a manifestação tinha esturro antitheocratico, e por isso mesmo, na logica dos oradores, adeantava um passo na escala do progresso.

E agora, Victor Hugo, á sombra d'aquellas arvores tão pittorescas da Villa Borghese está á expectativa dos visitantes, habitando d'aqui para o futuro nos Campos Elysios da estatuaria italiana.

*
* *

Os catholicos italianos trabalham activamense para a celebração do XVI Congresso Eucharistico, cujo programma já expuzemos na chronica do mez passado. Só temos a accrescentar que têm sido innumeraveis as adhesões de varias associações catholicas da Italia, bem como de quasi todos os Bispos das Dioceses do reino.

Espera se que seja muito concorrido, e que produza grandes resultados praticos no culto da SS. Eucharistia.

*
* *

Foi inaugurada, em fins de abril, com grande imponencia, em Grotta Ferrata, a exposição de objectos de arte sacra italo-byzantina.

A exposição é das mais importantes que se têm feito n'este genero: no dia da sua abertura foi enviada por um ministro do gabinete italiano uma carta de felicitações aos organisadores da exposição, que; ó ceus! são nada menos que os... monges benedictinos da abbadia grega de Grotta-Ferrata!

Os visitantes têm acorrido em grande numero a vêr as montras dos benedictinos, que causaram enorme sensação nas espheras italianas.

Tem expostos objectos de incalculavel valor, recolhidos de todos os museus da Italia. A contar do III e IV seculos do christianismo, alli se vêem paramentos ecclesiasticos, relicarios, lavores finissimos adornados de pedras preciosas, palimpsestos, uma serie, emfim, nunca exgotavel de objectos representantes da arte italiana e byzantina, alguns dos quaes de uma riqueza fabulosa.

Tem, por exemplo, um Evangeliario de que já nos não recorda a edade historica, mas cujas capas de ouro e pedras têm o valor de 15:000 liras!

Um outro Evangeliario é escripto a prata em pergaminho violaceo; é o Evangeliario de Amonio; illustra cada passagem do Evangelho com uma interessantissima gravura a côres allusiva ao texto respetivo.

Está ainda á exposição uma bellissima collecção de numismatica, fecunda em moedas de ouro, prata e outros metaes.

Alem de tudo isto, tem ainda secções de esculptura, dezenho, musica muito apreciaveis e dignas de cuidadoso estudo.

Tendo gorado, como parece, o projecto da peregrinação portugueza a Roma, é pena que algum dos leitores (se, porventura, acontece que algum quizera vir á Cidade Eterna) não possa apreciar esta riquissima e soberba exposição de arte.

Grotta-Ferrata é perto de Roma; não sabemos bem a distancia precisa, mas constitue um passeio bellissimo em caminho de ferro.

Nós tambem lá fomos para vêr a Exposição, mas, infelizmente, devido a circumstancias nada despreziveis, tivemos de correr demasiado, na visita á admiravel e variada collecção artistica.

*
* *

Não devemos deixar de fallar na carta ency-

clica ultima de S. Santidade, que, decerto, todos os catholicos portuguezes já leram transcripta nos jornaes do nosso paiz.

E' de grandissimo alcance pratico, e tende a reformar por completo a propaganda, até hoje algo descurada, da instrucção da catechese.

O clero portuguez deve envidar todos os esforços para pôr em acção o mandado prudentissimo do sabio Pontifice Pio X.

E' no ensino completo e cuidado da doutrina christã que se forma o coração do jovem catholico, mais tarde util á religião, á familia e ao Estado.

DR. LUSUS.

PORTUGAL

O Parlamento.—No dia 13 de maio leu-se, nas Camaras, o Decreto do adiamento das Côrtes. Póde chamar-se, ao periodo em que o parlamento esteve aberto, a época da primeira manifestação, verdadeiramente constitucional, da consciencia catholica portugueza. Tudo indicára até hoje, politicamente, que não havia em Portugal chefes para a maior das forças religiosas e politicas do mundo civilisado—o catholicismo. Agora, essa hypothese de hontem, converteu se ao invez na mais bella das realidades Há chefes, e chefes vigilantes, que não permittirão que o farisaismo politico se introduza, de futuro, no campo intangivel da Religião do Estado. A liberdade, o direito, a historia e a moralidade, tiveram os seus *leaders*, finalmente, em amb s as casas do parlamento. O fallecido O' Conell, o grande defensor da sua patria e da Egreja no Parlamento inglez, tem hoje dignos émulos no Conego Homem de Gouveia e dr. Peixoto Corrêa, e nos apostolicos prelados do Algarve e de Evora. A portaria-aborto do ministro Alpoim, desastrada affirmação regalista do despotismo governamental sobre as prerogativas inauferiveis da Egreja e da jurisdição dos prelados nos seus seminarios, foi obrigada a recolher ao cêsto dos papeis velhos das secretarias de Estado, aonde hão de baixar certas regalias da Corôa imaginarias, injuridicas e anticoncordatarias.

Não podia deixar de ser; tinha de succeder assim. Não se resiste á eloquencia de discursos como os d'aquelles parlamentares, não há esforços que retardem as consequencias da cerrada argumentação, que a própria lei proporcionou áquelles defensores da Egreja.

Deus castiga sem pau nem pedra, e é bem verdade. Após as affirmações do mais rubro jacobinismo, feitas pelo snr. Alpoim no proprio seio do parlamento, arrastando á discussão a mesma Corôa, e arremessando a pedra do escandalo ao presidente do Conselho, para assim palliar a sua derrota, o ministro audaz é atirado, com um vergonhoso pontapé, das culminancias dos conselhos da Corôa, e por favor se lhe concede ficar soldado raso no seu partido.

Houve muito quem pretendesse convencer, pela imprensa, que a causa da exoneração de ministro que o snr. Alpoim foi obrigado a acceitar, foi motivada, unicamente, pela sua attitude e a da sua camarilha em face do contracto dos tabacos.

Não negamos que essa fosse uma das grandes pedradas que derrubaram o gigante, o que é positivo é que o facto não foi, exclusivamente, motivado pela opposição do ministro da Rêde ao contracto, antes nós estamos convencidos que, se o snr. Alpoim não escandalizasse tão solemne e gravemente o seu paralytico papai, em ambas as casas do parlamento a proposito da sua mortifera portaria, o snr. José Luciano não se apressaria tanto a fazer subir as poeticas espiraes do fumo dos tabacos, dentre as ruinas que desabaram sobre o seu collega traquina, celebre catholico de cerebro e coração e rara vez ou nunca de mandamentos.

Ao terminarmos esta simples resenha dos factos occorridos no parlamento, em prol dos direitos da Egreja e da paz harmonica entre Esta e o Estado, seja nos licito felicitar, como é dever de todo o catholico, os heroicos reivindicadores d'aquelles direitos: os intemeratos parlamentares nacionalistas entre os quaes se destacou o athletico Conego Homem de Gouveia; e os apostolos prelados que, na camara dos pares, estigmatisaram eloquentissimamente a absurda portaria, e responderam ás bravatas inquisitoriaes do prudhommesco ministro, do ultimo *papa lusitano*, com esta phrase lapidar do grande bispo do Algarve, digna dos aureos seculos da Egreja:

«*O snr. ministro disse que tinha meios para obrigar os bispos a cumprir a sua portaria. Pois recorra a esses meios. A minha obediencia e a dos meus collegas ás leis do estado é perfeita e absoluta, mas se o governo tentar coarctar a minha liberdade espiritual, eu e os meus collegas, em cujo nome ouso fallar, saberemos recorrer á firmeza e abnegação apostolica para oppôr ás resistencias a que queiram sujeitar-nos.*»

De hoje por deante deixaram os bispos de ser os *cães mudos de Pio IX*. Para o futuro, cães mudos são os padres deputados dos partidos oppostos ao nacionalismo, que não applaudem a doutrina catholica por elle defendida no parlamento.

Responsabilidade ministerial.—Não se julgue que o que acabamos de dizer, é inspirado por uma má vontade decidida contra o ex-ministro da justiça, que tem na sua familia as melhores tradições de crença catholica. Não nutrimos odios pessoaes por ninguem. E, para o provar, propositadamente queremos accentuar quanto nos regosijou a notavel proposta de lei de responsabilidade ministerial, apresentada por S. Exc.ª n'uma das sessões parlamentares Com ella o snr. Alpoim satisfez os desejos da maioria do paiz e desviou dos ministros futuros a calumnia que se lhes costuma assacar, de metterem a mão nos cofres do thesouro e de serem os maiores depredadores e vendilhões do paiz; porque se a lei passar no parlamento, por uma parte, elles com o receio de serem chamados á responsabilidade, afastarão de si até o desejo de praticar taes indignidades, e por outra, o paiz, podendo, pelos seus delegados, pedir-lhes conta dos seus actos, não terá mais razão de lhes attribuir responsabilidades que não tenham. Felicitamos pois calorosamente o snr. Alpoim por satisfazer, os desejos da nação, pôr em pratica um dos numeros do programma do partido catholico e pelo grande serviço prestado ás instituições e á patria n'esta proposta de lei.

A dotação do clero. — Mais uma vez ficou o clero ludibriado pelos governos, no seu pedido de melhoria de situação e de interesses materiaes. D'esta vez nem o formalismo do proprio discurso da Corôa quiz lembrar se dos melhores servidores, não digo já do paiz e da religião do Estado, mas até os melhores sustentaculos das instituições e da monarchia. E todavia, é amargo dizel-o, mas é a verdade em toda a sua muda eloquencia, o snr. presidente do conselho e o governo obriga a Corôa a esquecer a situação miseravel dos seus melhores amparos, na occasião em que promette aos demais empregados publicos uma vida mais desafogada.

Não valem já de nada os protestos do clero; não se presta attenção aos supplicantes discursos do snr. bispo conde e dos outros prelados no parlamento; emudece o discurso da Corôa e o governo nem já se quer cansar em fazer promessas que não cumpre. Quem der attenção a isto, ha de julgar que: ou não ha justiça no pedido, ou a classe não tem importancia nem força para se impôr ao ministro. E, comtudo, ninguem em Portugal nega que seja até um dever patriotico acudir a estes rogos da primeira das classes sociaes. Todos estão promptos tambem a confessar que o clero é a mais prestigiosa, a mais valiosa e importante força moral d'este reino. E apesar de todo o seu valor nada consegue.

E' que, e isto confessam-n'o tambem todos, essa grande classe fraccionou o seu prestigio, o seu valor e a sua enorme força, aggregando-se a todos os partidos existentes. Em vista d'isto, o clero discorda sempre de si mesmo. O que uns querem não querem outros. O que uns pedem não pedem outros. Por milagre chega uma occasião, em que o clero todo, completamente todo, em blóco, reaje corajosamente, exige, ordeiramente como sempre faz mas severamente, que se lhe faça justiça. E digo por milagre, porque só um milagre é que o faria sahir actualmente de todos os partidos, e entrar em massa n'um só, que se comprometesse a attender as suas reclamações. Nada mais era necessario.

Estamos convencidos que bastaria o clero unir-se n'um só partido, e votar unica e exclusivamente, com esse partido, para causar pacificamente, a maior transformação politica do paiz, constituir definitivamente o maior partido existente e conseguir tudo que precisa, sem se dar ao trabalho e á vexação de estender a mão a todo o politico que passa. E se o clero instruisse o povo sobre o direito e sobre as consequencias moraes e patrioticas do voto?! Oh! Então, esfacellar se iam os outros partidos; separar-se-iam os campos dos inimigos e dos amigos da patria e da Egreja; o partido catholico seria o primeiro e o mais formidavel, e porque era um partido essencialmente pacifico, patriotico, liberal e democratico, seria infallivelmente a mais forte columna das instituições vigentes!

E não se diga que adulamos; ainda não dizemos tudo. Temos ainda bem viva a gratissima lembrança do que houve ha quatro annos. Então algumas centenas de protestos do clero, a favor das congregações, um pequeno movimento de opposição do clero fez encolher as garras ao jacobinismo politico, e estremecer o proprio governo e o rotativismo!...

Agora perguntamos: adulavamos quando apontamos as qualidades soberanas de um partido catholico em que entrasse todo o clero do paiz, todo sem excepção?

Manuel Fructuoso da Fonseca.—Fomos surprehendidos com a agradavel noticia de uma subscripção dos catholicos e dos amigos d'este heroico e venerando jornalista, para lhe offerecer uma penna de oiro, como homenagem da gratidão dos verdadeiros catholicos pelas campanhas bem orientadas e tenazmente sustentadas em prol da Egreja e da patria pela sua poderosa e fecunda penna. Não apontamos nenhuma em particular, por não podermos suppôr a ignorancia d'ellas em nenhum dos nossos leitores. Ha muito que nós interrogavamos amigos nossos e d'este illustre escriptor catholico, sobre os motivos por que não se teria aberto ainda uma subscripção entre os catholicos, para lhe offerecer uma penna d'oiro symbolo da sua gloria e prova da nossa gratidão.

Chegou finalmente a realisação de tão desejada subscripção. D'aqui dirigimos as nossas sinceras felicitações aos iniciadores d'ella. Tem ainda por si uma notavel coincidencia. O illustre director da *Palavra* celebra em 25 de junho as suas bodas de prata de vida jornalistica; ha 25 annos que Manuel Fructuoso da Fonseca entrou na redacção da *Palavra* da qual fez o primeiro diario catholico do paiz. Mais um motivo para accender enthusiasmos em todos os catholicos pela subscripção.

Lembramos, por nossa parte, que o brilhante jornalista é um fervoroso terceiro franciscano, foi o iniciador e fundador do primeiro circulo catholico de operarios em Portugal, defendeu como ninguem a Egreja e as Congregações religiosas ha quatro annos e é o primeiro jornalista do partido catholico. Eis quatro razões que deverão obrigar as ordens terceiras, os periodicos nacionalistas, os circulos catholicos, as associações religiosas e os centros nacionaes, a adherir á subscripção e a fazer-se representar na celebração das bodas de prata do snr. Manuel Fructuoso da Fonseca.

Aproveitamos a occasião para propôr um alvitre, que talvez mais que tudo, agradará ao nosso illustre amigo. E' o seguinte: que no dia 25 de junho em cada casa religiosa, em todos os circulos catholicos, em todas as sédes da Ordem Terceira, em todas as redacções catholicas e em cada Centro nacionalista do reino, se celebrem missas e haja communhões geraes pela conservação d'este itemerato catholico.

Todos os individuos e corporações que desejem coadjuvar a subscripção, e nos queiram enviar qualquer quantia, para ser levada ao seu destino, podem fazel-o, pois que teremos n'isso grande prazer. Deverão indicar em postal ou carta que mandam o dinheiro para esse fim, dirigindo tudo para a *Administração da «Voz de Santo Antonio» — Braga.*

A Conferencia dos Jornalistas Catholicos. — Realisou-se em Lisboa, como estava annunciada, nos dias 27, 28 e 29 de Abril passado. Estava n'ella representada, na sua quasi totalidade, a imprensa catholica do paiz: e essa representação, pelo numero e pela qualidade, era sobremaneira brilhante e consoladora.

Com effeito: não se terá visto ainda em Portugal, reunido debaixo do mesmo tecto, um tão selecto e avultado nucleo de profissionaes do jornalismo catholico, animados todos de zelo ardente pela defeza de seu santo ideal, e todos decididos a consagrar a essa defeza as forças, energia e perseverança da sua boa vontade.

Votaram-se conclusões muito importantes, e tomaram se resoluções de elevado alcance, como são — perdoe se-nos a indiscreção, se o é — a formação da liga da boa imprensa, a fundação de um grande jornal catholico popular, a reunião, para breve, de uma nova conferencia, etc.

Na votação das conclusões, como em todos os trabalhos do congresso, predominou sempre um espirito de concordia e caridade verdadeiramente christãs, prompto a renunciar ao proprio sentir, quando em opposição ao pensar da maioria, e generoso em abraçar a opinião do adversario, quando n'ella se evidenciasse a verdade.

Esperamos com anciedade a publicação, em redacção definitiva, das conclusões votadas e approvadas, e... esperamos, sobretudo que sejam levadas á pratica o mais breve possivel.

CARTA D'AFRICA

A nossa missão. — Casa do internato. — A bandeira da musica do Mongué. — Mez de S José

Meus caros amigos:

Impellido por o continuo vaivem das minhas occupações, só hoje é que posso enviar-vos mais esta pequena carta.

Que noticias haverá? perguntareis com anciedade. A não ser as que se passam na nossa missão, e que não são conhecidas alem das mattas virgens que nos cercam, não tenho nenhumas de sensação com que poderei satisfazer a vossa anciedade.

Seguindo o antigo lema, que andar é sempre melhor que retroceder, temos trabalhado em que a nossa missão dia a dia progrida moral e materialmente.

No meio d'estas fadigas quotidianas ha sempre, mais ou menos, o triste pensamento de que tantos trabalhos e soffrimentos, podem ser baldados no meio d'este terreno ingrato. Levantamos porém os olhos ao céo, e temos a dôce esperança que se não sobre a terra pelo menos no céo as nossas gôttas de suór são contadas pelos anjos no Livro da Vida Eterna.

—Na nova casa para o internato das creanças começada com difficuldade, e no meio de sacrificios, que só Deus sabe, continuada, em breve será concluido o dormitorio e a escola onde as nossas creanças terão o conforto e o bem estar, que até agora lhes tem faltado. Depois teremos de concluir as officinas e outras dependencias que demandam muitas despezas. No meio d'estas difficuldades que nos cercam só temos esperança nas mãos da Providencia e na caridade dos verdadeiros christãos, para a conclusão d'uma obra que visa sómente a transformar este sertão tão agreste, n'um fóco de luz civilisadora.

— A banda de musica da nossa missão continua com enthusiasmo nos seus ensaios, e d'entre os rapazes embora muito rudes, tem sahido alguns que teem dado provas de applicação e d'um certo gosto para com a musica.

Devido ao favor e dedicação, d'uma pessoa que tem tido para com esta missão uma verdadeira sollicitude, a nossa banda acaba de ser mimoseada com uma linda bandeira, que tem sido admirada por todos os que veem vizitar a nossa missão. E' um primor. Sobre o campo branco apparece a lyra lindamente bordada cruzando com uma serra de carpinteiro, emblema de artes e officios. Rodeia estes emblemas finissima cercadura de rosas. Em fita azul estão bordadas estas palavras: Deus, Religião e Patria, o nosso farol augusto, que nos guiará sempre no nosso agreste calvario. No verso ainda está bordada uma alavanca e um alvião e estas palavras: Missão de S. José do Mongué — Inhambane.

E' uma verdadeira obra d'arte. Não publicamos o nome de offerente porque sabemos com certeza que iamos contra a sua vontade.

Porém ainda tem mais valor essa dadiva, porque ficou o seu nome occulto. Que o céo a recompense cento por um do trabalho que teve com a nossa bandeira, bem como a toda a exc.ma familia, e que o Bom Deus mande as suas bençãos para todos, é o que o missionario africano deseja do intimo do seu coração.

— Como no anno passado o mez de S. José tem-se feito com o esplendor possivel segundo as nossas posses, e o Santo protector da nossa missão bem se tem mostrado reconhecido em seus favores. Não tenho outras noticias para dar aos meus amigos de Portugal; e mesmo porque tenho de fechar a mala do correio pois o conductor está á espera que o chefe d'esta estação postal o despache.

Lembrae-vos diante de Deus do vosso dedicado amigo, e pobre missionario africano.

P.e Alberto Teixeira.

BEIRA (AFRICA ORIENTAL)

Pelo rio Pungué

Preparativos de viagem — O almoço e o embarque. — A lancha. — A tripulação. — Os indigenas gostam de vêr terras novas. — Facilidade com que mudam de terras.

Ha muito tempo que me andava mordendo o desejo de visitar as margens do rio *Pungué*, o maior e mais importante que desemboca dentro dos territorios da Companhia de Moçambique.

Não era um simples desejo de vêr novas terras que me excitava a curiosidade, mas outro ideal mais elevado abrigava no meu espirito.

Longo tempo andei addiando esta minha resolução em expectativas que não vem para o caso lembrar, até que afinal assentei convertel-a em realidade.

No dia 18 de janeiro, logo de manhã cedo, após a celebração da minha missa, andava eu com os moleques e mais pretos, todo azafamado em apromptar o indispensavel para aquella excursão, em que calculava gastar suas tres semanas, e em que gastei 19 dias, cheios de peripecias e trabalhos, em que é tão farto o sertão africano.

O embarque devia ser ás 9 horas da manhã, no principiar da enchente da maré cuja força de corrente se faz sentir rio acima até mais de 60 milhas, mas por uma falta desculpavel a lancha ficára em secco, e só á uma hora da tarde, quando as aguas cresceram, é que começou a fluctuar. Uma boa duzia de pretos ainda tentou arrastal-a á força para dentro da agua, mas a lancha era grande e permanecia immovel, collada ao *matope* (1) onde encalhára. Todos os esforços foram baldados e o remedio foi esperar.

Do embarcadoiro á nossa residencia distam tres bons kilometros, e não estava resolvido a retomar-lhe o caminho só por causa do almoço. Convém notar que aqui, assim como em toda esta costa, chamam almoço á refeição do meio dia Eu antes chamava-lhe jantar, mas hoje vencido pelo habito já lhe chamo almoço tambem.

Eram pois horas de almoço, e o meu estomago sentindo ainda a influencia da cidade reclamava aquella refeição, e tanto mais que não era facil prever, uma vez dentro da lancha, quando se poderia preparar alguma trincadeira.

Despedi-me então do nosso Padre Camillo, que me havia acompanhado até ao porto, ficando o Padre Candido a aturar a rapaziada da escola, e tratei de dar giro á vida.

A bordo ficou o indispensavel para a viagem, e os pretos aguardando o fluctuar da lancha; eu fui bater ao ferrolho do nosso amigo Dr. Albano Botelho, a cuja mesa abanquei em companhia de outros amigos que comigo distribuiram do que havia e do mais que mandaram vir. Attenções e amabilidades não faltaram pelas quaes me confesso reconhecido. Era assim que me despedia da Beira por alguns dias.

A' uma hora já a lancha se balouçava sobre as aguas da ria do Chiveve, e um moleque (2) me advertia de que podiamos partir. Não havia delongas a esperar.

O vento era bom e a maré enchia ainda com grande força.

Chamava-se *Fortuna* a lancha que me devia levar Punguè acima, até onde fôsse possivel navegar. Era grande, de fundo chato, e com boas accommodações de viagem. Eu estava satisfeito com o barco, que obsequiosamente me fôra emprestado pelo capitão Dickie, inglez.

Mas inexperto na arte maritima, e mau palinuro, officio para o qual, no dizer do nosso Prelado, nem Deus, nem os homens me fadaram, tive depois muito que me arrepender da escolha que fiz.

O tamanho da lancha, as suas accommodações e outras vantagens que eu lhe encontrava, eram precisamente estorvos que me haviam de fazer arrepender de a ter tomado, e obrigar a deixal-a em menos de meio caminho para poder chegar até onde desejava.

A vela era pequena de mais O capitão Dickie já antes me dissera que não tinha vela para aquella lancha, mas vendo o meu empenho na excursão prometteu vêr se lhe poderia accommodar alguma outra, e foi o que fez.

Com o vento favoravel e a enchente da maré a barca deslisava bem por cima das aguas da bahia.

A tripulação compunha-se de sete pretos todos bisonhos na arte nautica, excepto o patrão, que ha muitos annos se acostumara a encarar os perigos das aguas marinhas e fluviaes.

Os mais eram indigenas conhecidos que se offereceram para me acompanharem na anciedade de vêr terras novas

E' caracteristico nos pretos o desejo que téem de passear terras desconhecidas.

Em Moçambique na ultima vez que lá estive perguntei a um, que já se tinha compromettido com o Padre Carmo a acompanhal o até Lourenço Marques, se queria ir comigo até á Beira, e elle respondeu me que queria ir até onde fosse mais longe para vêr mais terras.

O preto de ordinario não se prende á terra que o viu nascer. Um motivo futil, ou supersticioso o faz mudar de terra com a mesma facilidade com que o pensa.

Bens immoveis não os tem, porque nem a propria palhota entra n'essa conta. As terras são communs, mais do que os baldios dos nossos concelhos. Quem quer cultiva, e onde lhe parece; terras não faltam.

Uma esteira, a capellana, que lhe cobre os rins, por vezes uma azagaia e a mulher se é casado, formam a riqueza do preto em geral.

Com esta bagagem não téem difficuldades em assentar palhota em qualquer parte.

Muitas vezes não é um preto ou dois, que mudam, são povoações inteiras. Nas margens dos rios principalmente o facto é usual.

(Continua).

PADRE RAPHAEL MARIA D'ASSUMPÇÃO.

(1) Lôdo.
(2) Moleque, creado indigena.

sos dias costumam combater a religião. O 12.º volume trata da Condição dos Operarios e é prefaciado por Julio Didiot, traduzido por Gomes dos Santos e editado pela Livraria Povoense—Povoa de Varzim.

Estudos sociaes. — O numero 4, que acabamos de receber, é brilhantemente collaborado. Todos os artigos são dignos dos seus auctores, escriptores de grande envergadura e assás conhecidos no nosso meio catholico.

—**Echos de Roma.**—Continua esta excellente Revista a merecer todas as sympathias dos catholicos e principalmente dos seminaristas pela correcção e elegancia com que se apresenta.

—**Revista Catholica.**— Felicitamos este valente luctador por passar a visitar mais amiudadas vezes aos seus amigos e verdadeiros admiradores.

—**A Guarda.**—Entrou no 2.º anno da sua publicação, esta Revista, orgão dos Seminaristas da Guarda. Parabens!

—**A Defeza.**—Semanario independente de Gaia. Recebemos e agradecemos a visita d'este nosso novo collega. Apresenta-se muito bem redigido.

—**União Catholica.**—Temos recebido a visita d'esta Revista, a quem agradecemos penhorados a continua propaganda das publicações antonianas.

La Hormiga de Oro. — O numero 21 d'esta importante publicação catholica apresenta excelentes trabalhos relativos á festividade da Ascenção, mez de maio e aos factos mais importantes do mez; illustrando estes artigos, um bom numero de gravuras, entre os quaes figuram a Egreja de S. Wulfran de Abbeville, a procissão da Virgen de los Desamparados, em Valencia, N. Senhora de «Alharillo», (Porcuna); A primeira communhão, quadro de Guillon, festa commemorativa do 25.º anniversario da fundação do Colegio Condal de S. José (Barcelona); inauguração do Real-Aereo Club (Madrid); Exposição universal de Liege; Match Argel — Toulon; successos de Varsovia, e finalmente uma secção humoristica, resultando assim um todo interessante e variado.

Occidente. — O n.º 949 do «Occidente», celebrando o centenario de Cervantes, abre por um precioso retrato do auctor do *Dom Quixote* copiado do que pintou Francisco Pacheco, contemporaneo de Miguel de Cervantes Saavedra, sendo este retrato acompanhado por um erudito artigo critico de Theophilo Braga e os fac-similes dos frontespicios das primeiras edições do *Dom Quixote*. O Instituto Internacional de Agricultura fórma o assumpto das gravuras de outra pagina, e são: os retratos do Rei Victor Manoel III, presidente do instituto; conselheiro Mathias de Carvalho, delegado diplomatico de Portugal; Dr. Oliveira Feijão e Sertorio do Monte Pereira, delegados thechnicos de Portugal ao mesmo instituto etc.

A parte litteraria abre com um bello artigo de Theophilo Braga ácerca de Cervantes e o *Dom Quixote*, Chronica Occidental, por D. João da Camara, e outros artigos firmados por Macedo d'Oliveira, Pedro Pinto, Manoel de Macedo, etc

O «Occidente» é uma verdadeira revista litteraria e artistica da actualidade, a mais acreditada e de maior circulação para o que tambem concorre o diminuto preço da sua assignatura de 950 réis cada trimestre.

Le Mois

Littéraire et Pittoresque — Sommaire

Les bonnes petites mains, *nouvelle*, par Ch. de Vitis, avec 3 compositions de A. Farcy.

Les limites successives de la France à Domremy-la-Pucelle, par E. Stofflet, avec 1 plan et 7 photographies.

L'Annonciation, par J. C. Broussolle, avec 20 reproductions.

Que d'ours, *causerie*, par Emile Faguet, de l'Académie française.

Résignation, *poésie*, par Arséne Vermenouze avec 1 composition de L. Popineau.

Résignation, *poésie*, par François Fabié.

Prière dans le soir, *poésie*, por Claude Massot.

Le roman d'une laide (*suite*), par Jean Rameau, avec 2 compositions de M. Lecoultre.

Les appartements de Pie X au Vatican, par Mgr. Albert Battandier, pronotaire apostolique, avec 17 photographies

Histoire d'une bouteille de champagne, par Pierre Jeannet, avec 15 photographies.

Causerie littéraire: *Nos poetes: Frédéric Plessis*, par Gabriel Aubray.

Pages oubliées: *L'automobile en 1880*, par Jules Verne, avec 1 portrait; *Le chien de Brisquet*, per Ch. Nodier

Portraits: *Emile Faguet*, par J. A, avec 1 photographie.

Variétés scientifiques: *La photographie des couleurs*, par L. Gastine.

Périls de couleurs, *croquis*, par Henriot.

*

Muitos outros collegas tanto nacionaes como estrangeiros nos teem visitado regularmente e captivado com a sua amavel delicadeza.

A todos pedimos desculpa por nos não referirmos individualmente a todos, mas a falta d'espaço não nos permitte sermos tão delicados como desejariamos.

Luta suprema

Romance moralizador e de sensação.— A' venda n'esta administração. Preço 150 réis. —Um tomo de 180 paginas.

—Recebemos d'um anonymo 25$000 reis para a Missão de S. José de Mongué—Inhambane, e d'outro 5$000 reis.

Agradecemos em nome dos nossos missionarios que lá tão longe luctam pelo bem da religião e da patria.

Publicaremos aqui qualquer quantia que nos enviem para ajuda das nossas missões.

Numero especial da "Voz de S. Antonio,,

Temos á venda o numero de abril publicado em commemoração do jubileu episcopal de S. Em.ª o Snr. Cardeal Patriarcha de Lisboa, impresso em papel couché.

Preço 150 réis

O Livro dos Terceiros Franciscanos

E' um tomo de 430 paginas em 8.º nitidamente impresso em magnifico papel, illustrado com muitas gravuras algumas das quaes em papel especial.

Como o indica o titulo, este livro é por excellencia — o livro dos Irmãos Terceiros. Em quatorze praticas expõe longamente as obrigações e espirito da regra da *Ordem Terceira de S. Francisco.*

As pessoas piedosas que não pertencem á *Ordem Terceira* muito aproveitarão com sua leitura, visto expôr-se ali os conselhos evangelicos que constituem a perfeição christan segundo o espirito serafico: *O amor de Deus e meios de o praticar: Oração e presença de Deus, a caridade e seus respectivos graus e defeitos contrarios; a penitencia christan, mortificação interna e externa; indulgencias o que sejam e como se ganham, o mau luxo e más leituras, confissão, communhão e modo de as fazer bem etc.*

Em supplemento contem: — Novena de S. Francisco de Assis. — Novena de S. Izabel de Hungria. — Orações para de manhã e para a noite. — Preparação para a confissão e communhão. — Methodo de ouvir missa segundo S. Leonardo do Porto Mauricio. — Orações para a missa da communhão. — Visitas ao Santissimo durante os oito dias que precedem a Communhão como preparação remota para esta. —Modo de assistir aos moribundos — Orações da agonia. — Ceremonial da Ordem Terceira.

Preços: Brochado, 500 réis. — Cartonado em percalina de primeira qualidade com doirados na lombada e na capa, 700 réis. — Cartonagem simples com queimados na capa e lombada doirada, 600 réis.

Monte de Myrrha e Outeiro de Incenso

A segunda edição deste livrinho é por excellencia o devocionario dos devotos de Maria Santissima. Contem sete meditações sobre a Eucharistia, dezanove acerca de Maria Santissima, dois modos de preparação e acção de graças para a meditação, rosario meditado, modo de ouvir missa, orações para a confissão e communhão, visita ao Santissimo e a Nossa Senhora, outro modo de fazer a Via-sacra, os principaes canticos e hymnos liturgicos em latim, etc.

Em brochura—120 réis.

Cartonados com capa da brochura 160 rs.

Encadernada em meio panno e folhas coloridas 200 réis.

Bilhetes postaes

DE PROPAGANDA CATHOLICA

Edição economica da «Voz de S. Antonio»

N.º 1 — Nossa Senhora do Sameiro.
N.º 2 — Mãe de Deus.
N.º 3 — D. José Sebastão Neto, Cardeal Patriarcha de Lisboa—Jubileu Episcopal.

Um cento... 800
Meio cento.. 450

Pedimos aos catholicos o uso e propaganda d'estes postaes, como protesto ás scenas pornographicas que actualmente se propagam pelos postaes mundanos.

A Grandiosa Obra de Santo Antonio

Contem — Vida do glorioso Santo Thaumaturgo, noticia da Pia União, estatutos, carta-patente e indulgencias, Juventude Antoniana.

O Pão dos Pobres, Trezena de S. Antonio, responso milagroso, e ladainha do Santo. Novena de preparação para a festa do Santo, Novena para alcançar qualquer graça particular do Santo Milagroso.

Um folheto de 70 paginas, solidamente brochado, com dois cartões-cromos por capas: Santo Antonio, em extasis recebendo nos braços o Menino Jesus, e na parte posterior Santo Antonio dos pobresinhos.

Preço 50 reis — Pelo correio 60 reis.

Pedidos á Redacção da «Voz de Santo Antonio — Braga.

VOZ DE S. ANTONIO

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

Redacção.—Toda a correspondencia que se refira á Redacção, troca de jornaes etc.—Deve ser dirigida ao *Rev.º Padre Director da «Voz de Santo Antonio»*—BRAGA.

Administração.—O que se refira á Administração, como pedidos de qualquer obra, esclarecimentos sobre dinheiro enviado ao exc.mo snr. Thesoureiro e tudo que diga respeito ao movimento financeiro da Empreza ao—*Administrador da «Voz de S. Antonio»*—BRAGA.

ASSIGNATURAS

Reino e ilhas Adjacentes		Estrangeiro	
Por anno.....	1$200	Colonias portuguezas.....	1$300
Cobrança pelo correio.....	1$250	Brazil (réis fracos).....	9$000
		Outros paizes (francos).....	8